

KAREN SOARELE



A RAINHA  
DA PRIMAVERA

PERGAMINHOS PERDIDOS DE MYRIÁDE

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# **A Rainha da Primavera**

“The Queen of Spring”

Published by Karen Soarele at Smashwords

Portuguese version

Copyright 2012 Karen Soarele

Meet the author on Internet:

[www.KarenSoarele.com.br](http://www.KarenSoarele.com.br)

[www.CronicasDeMyriade.com.br](http://www.CronicasDeMyriade.com.br)

[www.facebook.com/CronicasDeMyriade](http://www.facebook.com/CronicasDeMyriade)

[www.twitter.com/karensoarele](http://www.twitter.com/karensoarele)

\* \* \*

## **Prefácio**

**Pergaminhos Perdidos de Myríade é uma coleção de romances curtos que se passam no mesmo universo, mas não possuem ligação direta com os eventos narrados na saga Crônicas de Myríade. O livro A Rainha da Primavera retrata um período muito antigo desta história, e é citado em Línguas de Fogo pela personagem Marian, a Líder da Resistência de Hynneldor.**

\* \* \*

## 1. Arautos do Destino

Flora se deitou, entediada, e seus longos cachos cor de fogo escorreram pela borda da cama. Estava com dezessete anos, seu rosto era fino, as orelhas pontudas, e a pele lisa e macia apresentava um tom cinza-esverdeado. Estava cansada da monotonia daquele lugar. Tudo era sempre tão calmo e silencioso, que, quando seu pequeno brinco de pérola caiu no chão, o som agudo do baque pareceu soar como um grande estampido.

Com um longo suspiro, Flora se levantou para recolhê-lo e o prendeu de volta na pontinha de sua longa orelha. Por algum motivo inexplicável, ele sempre caía, mas Flora insistia em usá-lo todos os dias. Não que gostasse tanto assim do brinco, mas ele formava a combinação ideal com seu medalhão de ouro. Este, sim, era especial. Possuía-o desde pequena e não o tirava do pescoço. Por algum motivo, ele fazia Flora sentir que a vida ainda lhe reservava uma grande aventura.

Flora foi arrancada de seus devaneios quando ouviu uma agitação abaixo de sua janela. Tudo o que mais desejava era um pouco de emoção, algo que trouxesse algum barulho àquele lugar, mas jamais acreditou que isso aconteceria tão cedo. O povo *sollaris*, sempre muito tranquilo, raramente gritava ou corria. Mesmo morando na principal cidade da grande Ilha de Ashteria, o som mais comum que Flora ouvia era o das folhas das árvores se debatendo com o soprar de uma brisa.

A calma cotidiana dava a Flora uma angustiante sensação de inércia. Por isso, ela vivia inventando coisas novas para fazer, e não conseguia entender porque ninguém a acompanhava em suas ideias. Às vezes, sentia-se uma estranha em seu próprio lar. Quem dera fosse tudo sempre como na festa da colheita, que acontecia no equinócio de outono. Nesta noite todos riam, cantavam e dançavam. Mas

**a festa invariavelmente chegava ao fim, então tudo voltava a ser sossegado como sempre.**

**Mas a época de colheita ainda estava longe, e, até aquele momento, aquele era um dia comum, em que nada acontecia. Até ter início a agitação lá fora, incomum e sedutora.**

**Curiosa como só ela, Flora abriu a janela de madeira e pôs a cabeça para fora, para espiar o que acontecia. E, ao contrário da atmosfera lenta e tranquila com a qual estava acostumada a conviver, se deparou com uma rua cheia de sollaris que corriam por todos os lados. Muitos não sabiam como proceder, outros gritavam instruções.**

**– O que está havendo? – Flora gritou ao avistar Latham, o mais velho de seus muitos irmãos, correndo em direção à praia.**

**– Flora, não saia de casa! A ilha está sendo invadida! – Gritou de volta, alarmado, e continuou a correr.**

**Invadida? Seria possível? Mas aquela era uma ilha mágica! Flora aprendera desde criança que Ashteria, também conhecida como “A Ilha Onde Tudo Parece Ser o Que Realmente É”, era totalmente secreta, não podia ser invadida! Sequer podia ser encontrada! Infelizmente, Flora nunca compreendera que o isolamento era a menor das magias presentes naquele lugar. Mas logo isso mudaria, e ela aprenderia o que significava “parecer ser o que realmente é”.**

**Flora decidiu que precisaria rever todos os conceitos que já tinha aprendido até então, assim que viu a embarcação que aportava na praia. Na verdade, não se tratava de um navio de guerra, mas de um pequeno barco a remo. Não parecia representar grande perigo, mas era o suficiente para mudar a forma de pensar de toda uma população. Ansiando por novidades, Flora correu à praia para ver de perto os recém-chegados.**

**Um grupo de sollaris armados aguardava a chegada do pequeno bote, enquanto uma multidão se escondia atrás deles, prontos para defender suas terras, mas não a ponto**

**de desejarem um embate. Apesar do receio, alguns ajudaram os estranhos visitantes a atracarem. Eram dois humanos bem vestidos, um velho e um moço. O primeiro, baixo e magro, possuía cabelo curto e uma longa barba triangular. Não era feio, mas uma grave queimadura deformava parte de seu rosto.**

**O mais jovem era muito mais alto e forte, e aparentava ser o líder. O cabelo, comprido e muito claro, contrastava com a pele morena. Apesar de belo, possuía uma aura sombria, que era amplificada pela coloração escarlate de seus olhos. Andava pela praia com determinação e arrancou de Flora um calafrio ao expor as mãos manchadas de sangue, quando falou:**

– Povo da Ilha Oscilante, queremos paz. Viemos apenas para buscar um dos nossos que há muito foi tirado de nós, e temos motivos para acreditar que esteja aqui. – Em seguida passou o olhar por todos os que ali estavam, fixando-o em cada um deles por alguns instantes.

**Os sollaris formavam um povo esguio, de estatura mediana e aparência ágil. Todos possuíam pele verde-acinzentada, cabelo ruivo e orelhas pontudas, o que os tornava figuras pitorescas quando somado às suas roupas caprichosamente coloridas em tons fortes, como o vermelho vivo e o azul marinho. A tranqüilidade era uma constante e aquele era um povo feliz. Mas aquele homem jamais saberia disso. Após sua chegada repentina, os únicos sentimentos que podia ver estampados nas faces sollaris eram preocupação e medo. Em todas as faces, exceto uma.**

– Flora, – apontou o dedo indicador manchado de sangue para ela e chamou, ao encontrar seu olhar curioso – vamos embora, viemos te buscar!

**Ao ouvir as palavras de tal homem, a curiosidade de Flora se esvaiu, dando lugar ao medo. Todas as cabeças se voltaram para ela. Pela primeira vez em sua vida, compartilhou do mesmo sentimento de seus conterrâneos sollaris: a insegurança frente ao desconhecido. Ficou aterrorizada. Aquele estranho que surgira de repente sabia seu nome... e queria levá-la embora! O que significaria**

**aquilo tudo? Por um momento irracional, Flora temeu que toda a ilha ao seu redor desaparecesse e ela nunca mais voltasse a ver sua querida mãe e seus irmãos.**

**Ela não sabia o que aquilo significava, mas de repente sentiu como se o chão tivesse desaparecido sob seus pés. Deu dois passos para trás enquanto sentia seu coração disparar, e foi tomada por um amargo sentimento de culpa por ter desejado que acontecesse algo diferente na ilha. Sem palavras e sem compreender ao certo o que fazia, Flora deu as costas e saiu correndo. Amedrontada, fugiu para onde se sentia segura. Fugiu para casa.**

**\***

**O passar dos minutos tornou o quarto sufocante. A porta e a janela estavam fechadas, enquanto Flora torcia para que, quando saísse de lá, descobrisse que os dois homens tinham ido embora, ou melhor, que eles nunca estiveram ali. Assim ela poderia retornar à sua rotina normal de reclamar da calmaria do lugar.**

**Flora perdeu totalmente a noção do tempo. Ela apenas sabia que o sol já ameaçava se pôr atrás do Mar Eterno por causa dos feixes da luz alaranjada do poente, que invadiam o quarto pelas frestas da janela fechada. Foi nesse momento que ouviu uma batida à porta. Relutante, abriu-a, e por ali entrou sua mãe.**

**– Querida, não chore... – disse a mãe ao entrar, abraçando a filha.**

**– Mãe, o que eles querem? Como chegaram até aqui? Como sabem meu nome?!**

**– Minha filha, aconteça o que acontecer, nunca se esqueça que eu te amo. – A mãe olhou para Flora, muito séria. – Eu gostaria de ter te contado de uma outra maneira, mas... eu não esperava que isso acontecesse agora...**

**– Contar o quê?!**

**– Querida... você sempre esteve e sempre estará no meu coração, junto com todos os seus irmãos... Mas você... Bom, você não é exatamente igual a eles. Você não nasceu em Ashteria.**



– Mas você me disse que nunca esteve fora da ilha!

**A mãe desviou o olhar. Ela olhou para o lado, depois, para o teto. Por último, olhou para o chão. Era a primeira vez que Flora a via sem palavras e exibindo uma ruga de preocupação na testa. As peças se encaixaram na mente de Flora, no exato momento em que sua mãe suspirou profundamente e anunciou:**

– Eu nunca estive fora da ilha.

– Você... não é minha mãe?

– Claro que sou sua mãe! Apesar de que você... não nasceu do meu ventre – gemeu a mulher. – Você nasceu dentre os humanos do continente.

**Flora se levantou e andou em círculos por alguns minutos. Sua vida inteira era uma mentira! A mãe tentou abraçá-la, mas ela se desvencilhou com violência e continuou a caminhar de um lado para o outro, a mente a mil, formulando incontáveis perguntas. Teve a sensação de que alguém acabara de arrancar seu coração, um misto de tristeza, raiva e o sentimento de não pertencer a lugar algum.**

– O que aconteceu com a minha mãe e o meu pai de verdade?! – Disse por fim. – Por que... Por que eles me deixaram?

A mãe se sentou e fechou os olhos com amargura. Não conhecia os pais biológicos de sua filha, e nunca procurara saber deles. Nada daquilo importara até aquele momento, afinal, *ela própria* era a mãe verdadeira de Flora. E Flora era sua filha amada, sua única menina.

– E esses homens? Vieram para me buscar?

– Sim, filha. Mas eu já disse a eles que não deixaremos você ir contra sua vontade.

**Flora suspirou e sentou ao lado da mãe, dando-lhe as mãos. As duas permaneceram juntas por um longo tempo, suficiente para que o sol terminasse sua descida e a lua cheia finalmente despontasse no céu.**

– Dylis, eu agradeço muito por você ter me acolhido e por tudo o que fez por mim até hoje. Mas é hora de eu ir em busca das respostas às minhas perguntas.



**Flora sempre a chamara de mãe, mas agora se sentia desconfortável e julgava mais adequado chamá-la pelo nome. Estava decidida a descobrir sua origem, então se levantou e saiu do quarto. Ela não viu as lágrimas que rolaram com abundância pelo rosto de sua mãe, ao ser deixada sozinha.**

\*

**O salão sempre fora iluminado e confortável, mas tornou-se subitamente frio com a presença dos dois humanos. Ali eles aguardavam, em pé, por notícias sobre Flora. Ao redor, cinco dos irmãos sollaris dela os observavam desconfiados, sendo liderados por Latham. Estavam armados com lanças e prontos para reagir ao menor sinal de afronta. Esperavam por Dylis, e foi uma surpresa quando Flora adentrou o local.**

– O que querem de mim? – Ela foi logo perguntando aos dois forasteiros.

**O homem de cruéis olhos vermelhos e mãos manchadas de sangue se aproximou e caminhou em torno de Flora, analisando-a dos pés à cabeça. Sem aviso, ele chegou bem perto, pegou o medalhão que ela trazia pendurado no pescoço e ergueu à altura dos olhos, para que pudesse inspecioná-lo melhor. Ela o viu percorrer os olhos pelos entalhes delicados, desviando o olhar hora ou outra para observá-la.**

– Humpf... Você é diferente do que eu imaginava, mas é você mesma! Vamos embora! – Disse o homem, e passou a caminhar em direção à saída do salão.

**Ao perceber que Flora não sairia do lugar, o humano mais velho interferiu:**

– Dimitri, acredito que a jovem precise de um esclarecimento antes de partirmos.

**Dimitri se voltou novamente para ela e colocou as mãos ensanguentadas na cintura. Olhou-a por um momento, como**

**se pensasse na melhor forma de explicar a situação. Mas paciência não era seu forte, e delicadeza também não.**

– Você é a herdeira do trono de Hynneldor. Seus pais morreram e seu irmão assumiu, mas a magia dele não é forte o suficiente para proteger o reino dos inimigos vindos de Vulcannus, e o povo está morrendo de fome. Resumindo, eles precisam de você.

– Meus pais morreram? – Ela sentiu a esperança se esvaír. Jamais poderia fazer perguntas a sua mãe e a seu pai. Viveria para sempre sem saber o real motivo de não a terem criado. – Vocês os conheciam?

– Olha, nós vamos ter muito tempo para papo furado no caminho de volta. Mas temos que ir logo, senão a passagem vai se fechar e ficaremos presos nessa ilha!

**Flora se sentia cansada e desiludida. Foram muitas informações novas em um único dia, e ela precisaria de tempo para digeri-las. Com a impossibilidade de encontrar seus verdadeiros pais, ela estava se inclinndo a desistir de acompanhar aqueles dois homens. Sabia que bastava um sinal seu para que seus cinco irmãos os colocassem para fora, e estava prestes a tomar essa decisão. Mas, para sua surpresa, Latham abaixou sua lança e falou com ela:**

– Olha, Flora, eu não sei como dizer isso, mas... talvez você devesse ir.

**Latham era muito mais velho do que Flora. De repente, ela se deu conta de que ele deveria se lembrar do dia em que ela chegara à ilha. Sentiu-se traída. Não apenas Latham, mas todos ao seu redor esconderam-lhe a verdade por muitos anos.**

– Por que você nunca me contou? Sempre confiei em você!

– Oh, Flora, não chore... Você sempre foi audaciosa, sem dúvidas buscava respostas fora de Ashteria. Por que eu haveria de contar, se isso só a levaria para longe?

**Flora tardaria a compreender a totalidade daquilo que seu irmão lhe dizia. Por hora, a única conclusão a que chegara era de que nada justificaria uma mentira. Além disso, a resposta de Latham não apenas era insatisfatória, como também contradizia-se.**

– Depois de mentir por tanto tempo, você diz que é melhor eu ir embora?

– Eu não menti. Depois de anos sem tocar no assunto, simplesmente me esqueci da sua origem incomum. – Latham meneou a cabeça, chateado. – Mas você sempre quis uma vida diferente, e finalmente veio o chamado. Vá conhecer o mundo além do Mar Eterno, mas saiba que esperamos ansiosamente pelo seu regresso.

– Mas... não vou encontrar respostas...

– Princesa, *eu* conheci seus pais. – Disse o humano mais velho, aproximando-se. – Meu nome é Nathair Tredbach. Eu era muito próximo a eles, e hoje sou um dos conselheiros de seu irmão, Fausto. – Nathair segurou as mãos de Flora e olhou em seus olhos enquanto conversava com ela. – Fausto é mais velho do que você. Ele deve se lembrar do incidente em que você foi levada. Seu irmão poderá te dar algumas respostas.

“Seu irmão poderá te dar algumas respostas.” Aquelas palavras penetraram a mente de Flora de maneira tão intensa, que seus pensamentos se embaralharam e se confundiram. Ela estava prestes a se recusar a partir com os dois, mas já não se lembrava mais do motivo.

– Venha conosco, Flora – disse Nathair –, muitos anseiam pela sua chegada. Seu irmão já está resignado a acreditar que você morreu. Ah, ele vai ficar tão feliz em te ver! Você vai conhecer suas origens e retornar ao lugar ao qual pertence!

**Mesmo depois que Nathair soltou as mãos de Flora, ela continuou a sentir o calor da esperança queimando em seu peito. O mundo inteiro parecia mais colorido e interessante, e ela chegou a uma decisão. Mandou chamar os irmãos que estavam ausentes, e reuniu todos no salão. Eram oito, no total, e ela beijou-os um por um. Todos choravam ao se despedir da única irmã, exceto Latham. Ao abraçá-la, ele lhe segredou:**

– Não tema os acasos do caminho. Siga seu coração, e ele lhe proverá a força necessária.

**E assim teve início a aventura.**

\* \* \*

## 2. Monotonia Cinzenta

A brisa noturna não estava leve e fresca como de costume. Frias rajadas secavam os lábios de Flora e despenteavam seu cabelo, enquanto ela entrou no pequeno barco a remo. Sentou-se e aguardou enquanto os dois humanos empurraram-no de volta para a água do Mar Eterno e pularam, também, para dentro.

Ao som do bater dos remos na água, o barco deslizou suavemente pela superfície ondulante do mar. À luz alva da lua cheia, Flora trocou acenos com seus irmãos, e, quando já estava onde as ondas não quebram mais, divisou sua mãe, e também seu pai, que se uniam à despedida na praia. Sua tristeza era perceptível mesmo à penumbra, mas, mesmo assim, ela gesticulou com as mãos uma bênção à filha. E de repente tudo ficou branco.

Penetraram numa neblina tão densa que Flora não podia ver um palmo à sua frente. Assustada, agarrou-se às laterais do bote, como se pudesse cair a qualquer instante. Não enxergava nada, e por um momento todos os sons sumiram também. Todos, inclusive os dos remos, mas Flora continuava a sentir o movimento do barco seguindo em frente.

Flora falou, mas não ouviu a própria voz. Instaurou-se uma monotonia que parecia não ter fim. Por toda sua infância, ela imaginara como seria a saída de Ashteria. Perguntara-se se haveria um monstro marinho a proteger a ilha, ou se um grande maremoto impediria o caminho, mas todas essas suposições ficaram para trás, nos anos de meninice. Flora nunca imaginou que ali encontraria uma neblina tão espessa que a fizesse pensar que não havia um mundo do lado de fora da ilha.

Passou-se tanto tempo, que Flora começou a refletir sobre toda a sua vida. Ela não conseguia se lembrar de

**absolutamente nada do que vivera em sua terra natal. Apesar de, em alguns momentos, se sentir uma estranha em Ashteria, aquele era seu lar, e ela gostava muito de sua mãe e de seus irmãos. Era estranho deixar tudo para trás.**

**Estranha também era sua escolta. Revelaram a Flora que ela nascera em um reino chamado Hynneldor, mas tanto o homem mais velho, Nathair Tredbach, quanto o mais novo, Dimitri Fahd, possuíam uma ligação mais forte com o reino aliado, Datillion. Nathair vivia lá, representando Hynneldor em reuniões diplomáticas, enquanto Dimitri não possuía residência fixa, mas era um dos príncipes de Datillion. Apesar de estar em companhia ilustre, Flora não podia deixar de sentir um calafrio ao lembrar da queimadura na face de Nathair ou das mãos ensanguentadas de Dimitri.**

Depois de muito tempo de silêncio, Flora voltou a ouvir o som que os remos emitiam enquanto tocavam a água e por ela se arrastavam. A neblina finalmente se abrandou, dando lugar a uma paisagem não menos sombria. Por entre as brumas, havia não mais o Mar Eterno, sempre azul, calmo e ondulante, mas sim um lago acinzentado e assombrosamente estático, coberto por um céu igualmente cinza e monótono.

**Flora sempre se perguntou o que existiria fora de Ashteria, e não pôde evitar uma pontada de decepção. A princípio, parecia não haver nada naquele lugar monocromático! Mas ela logo descobriu que estava enganada. Percebeu que tudo estava diferente, no momento em que lançou o primeiro olhar para Nathair Tredbach.**

– Ah! – assustou-se Flora, cortando o silêncio e caindo para trás com estardalhaço. O que aconteceu? Pensou, estatelada no fundo do barco. Ela estava preparada para ver uma mudança no cenário, mas não para presenciar uma transformação nas próprias *pessoas*. E ali, à sua frente, Nathair exibia um semblante saudável, sem sinal de algum dia ter sofrido qualquer tipo de queimadura no rosto. Era um humano comum, somente os sinais deixados pela idade marcavam sua pele.

**Nathair notou o espanto de Flora, mas não se surpreendeu. Sabia que ela ainda se assustaria muito na estrada de Hynneldor. Flora sentiu Dimitri segurá-la pelo**

**ombro e, gentilmente, fazê-la sentar-se novamente no banco do barco a remo. Ela se arrepiou ao lembrar-se das mãos ensanguentadas de Dimitri Fahd e torceu para que o sangue não sujasse seu vestido.**

**Porém, ao olhar para trás, para o dono das mãos que a ajudavam a se levantar, novamente se espantou. A poucos centímetros de seu rosto, estava o dele. Era ainda o belo jovem que conhecera na ilha, porém tinha perdido a aura sombria que o rodeava. Seus olhos não eram mais vermelhos, mas castanhos-claros, e haviam desaparecido as manchas de sangue das mãos. Seu cabelo claro estava preso com uma fina linha de ouro que cintilava ao menor movimento.**

– Não se assuste.

– Como não?! – Questionou ela, tomando um pouco de distância. – Vocês mudaram! – Apesar do medo, ela não pôde deixar de se admirar com a beleza do príncipe de Datillion, que misturava aspectos serenos e selvagens. Inconscientemente, desviou o olhar do dele.

– Você também está diferente.

**Flora olhou para as próprias mãos. Realmente, estavam diferentes! Seus dedos pareciam mais curtos e a pele perdera o tom cinza-esverdeado, tornando-se rosada. Involuntariamente, olhou para a água do lago, esperando se deparar com seu reflexo, mas não se reconheceu. O lago, com sua coloração cinza e suja, respondeu ao olhar com o reflexo turvo de uma garota humana. No lugar de seus cachos cor de fogo, ricos cabelos negros desciam abaixo dos ombros, e seus olhos possuíam um azul sobrenatural.**

– Essa não sou eu! O que fizeram comigo? Por quê?

– Flora, essa é a verdadeira você. Dizem que a Ilha Oscilante julga as pessoas pelo coração... – Explicou Nathair, em tom de deboche.

– Bobagem! Aquela ilha embaralha os pensamentos, confunde a mente. – Retrucou Dimitri, colocando a mão na testa, num gesto cansado – Agora nós todos podemos pensar com mais clareza...

**Então Flora olhou para o lugar de onde vieram, esperando vislumbrar a neblina que escondia Ashteria. No**

**fundo do coração, não tinha tanta certeza se deveria retornar a Hynneldor, e por um momento desejou não ter saído da ilha. Mas a neblina não estava ali. Para todos os lados que se olhasse, via-se apenas o grande lago e o céu, ambos cinzas, se refletindo mutuamente e se mesclando no horizonte.**

– Não há volta. Quero dizer, não até a próxima década – informou Dimitri, sentando-se de frente para ela. – Mas não tenha medo, você será bem recebida em Hynneldor.

**Aquelas palavras não eram muito encorajadoras, mas eram sinceras. Flora apenas anuiu e se conformou com seu destino. Apesar de tudo, ela havia optado por seguir seu coração à aventura do desconhecido. No fundo do barco, encontrou o brinco que costumava usar na pontinha da orelha, e que mais uma vez havia caído. Mas, ao tentar recolocá-lo, percebeu que a ponta de sua orelha estava redonda, não existindo a parte onde o brinco deveria ser colocado.**

– Ah... é por isso que sempre cai... – choramingou, infeliz.

**O lago estático parecia não ter fim. Ninguém falava e não havia animal algum. O único som que se ouvia era o remar lento e constante. Então, inesperadamente, o barco deslizou sobre uma superfície áspera e parou em terra firme.**

**Dimitri logo pulou para fora, se virou e esticou a mão a Flora, que aceitou a ajuda para sair do barco, seguida por Nathair. Ali o chão era de uma argila cinza e escorregadia. Terra e água possuíam o mesmo tom de cinza, o que tornava difícil dizer onde terminava uma e começava outra. Não havia vegetação, apenas uma planície cinza que ia até onde os olhos alcançavam. Não longe dali, dois cavalos selados estavam à espera.**

\* \* \*



### **3. A Dádiva da Deusa**

**Naquela noite, Flora, Dimitri e Nathair dormiram ao relento, na praia cinzenta. Entretanto, acordaram bem cedo e montaram os cavalos, em direção ao interior do continente. Flora nunca vira um cavalo antes, não sabia montar. Mas Dimitri foi cordial e a levou em sua garupa, enquanto Nathair montou o outro.**

**Após algumas horas, a paisagem começou a se transformar, e o terreno lodoso deu lugar a um capim baixo e amarronzado. Muito distante, podia-se ver o contorno de montanhas baixas, formadas de terra estéril. E por detrás delas o Sol nascia.**

– Este lugar parece triste... – Flora suspirou, segurando-se à cintura de Dimitri.

– Nem sempre foi assim – respondeu ele, que também observava a paisagem, insatisfeito. – Dizem que Hynneldor já foi um lugar muito bonito. Um reino próspero, de pasto verde e céu azul. O sol brilhava por entre nuvens, trazendo calor e alegria aos habitantes. Águas cristalinas regavam todo o reino, e as colheitas eram abundantes.

– Mas o que aconteceu?

– O carrasco dessa terra foi a sua ausência, Flora.

**Naquele mesmo dia, alcançaram uma pequena povoação decadente na encruzilhada da estrada, chamada de Vilarejo Gris. Ali, Dimitri vendeu os dois cavalos de cavalgada e contratou um cocheiro que conduzia uma carruagem velha, puxada por um cavalo robusto. Agora que Flora estava no grupo, esta seria uma melhor opção de transporte. Flora agradeceu imensamente, o dia de cavalgada deixara-a exaurida. Suas pernas, nádegas e costas doíam como nunca, e ela sentia que, a partir do momento em que se deitasse para dormir, nunca mais conseguiria se levantar.**

**Eram os únicos clientes da estalagem. Quando se sentaram à mesa para tomar a sopa rala que lhes serviram,**

**a única pessoa presente no refeitório era a própria proprietária do lugar, uma jovem senhora que se ocupava de lavar os utensílios utilizados no preparo do jantar.**

– Estamos indo a Amitié, a capital de Hynneldor. – Anunciou Dimitri  
– Mas, antes, você precisa saber de algumas coisas, Flora.

– Tudo bem – respondeu ela –, me fale sobre meus pais.

**Dimitri pareceu incomodado com a pergunta. Certamente, não era esse o assunto sobre o qual pretendia tratar, e não o julgava importante.**

– O reino de Hynneldor é regido pela estrela de Zyria, a deusa de todas as formas de amor. Toda vez que um rei morre, um novo favorito é escolhido dentre seus filhos pela própria deusa, recebendo dela uma dádiva única e inviolável, e sendo coroado rei ou rainha logo em seguida.

– Seu pai foi um bom rei – interrompeu Nathair. – Sua morte foi uma fatalidade, que abalou a todos do reino. Mas a escolha da rainha Flora Valaskes serviu para aquecer o coração de todos nós. – E fez uma breve reverência a Flora. – Seu irmão, Fausto, até hoje protege o reino, na esperança do seu retorno.

– Flora... Valaskes – repetiu ela, refletindo sobre seu verdadeiro sobrenome, enquanto terminava sua sopa.

– Eu não conheci Hynneldor na época de seu pai, e não compreendo muito bem o poder da Dádiva da Deusa – prosseguiu Dimitri –, mas sei que o favorito de Zyria tem o poder de proteger o reino dos inimigos. Também ouvi dizer que sua aura traz boas colheitas e saúde. E é justamente dessa esperança que o reino carece.

**Os três olharam para o lado ao perceber que a dona da estalagem estava em pé perto da mesa, como uma estátua, ouvindo atentamente à conversa. Ao se dar conta de que os três se calaram, ela tomou coragem e se dirigiu a Flora:**

– É você? A princesa desaparecida?

**Flora não teve confiança para responder que sim, nem que não. Ficou parada, segurando a colher de sopa suspensa no ar. Por sua vez, a mulher não ficou esperando uma resposta. Sem aviso, ajoelhou-se ao lado dela, e pôs-se a suplicar:**

– Estou tão contente em enfim ver a princesa! Volte a Amitié, seja nossa rainha! Por favor... precisamos tanto...

**Dimitri viu que aquilo poderia causar problemas, por isso pegou a mulher pelo braço e a pôs em pé, dizendo:**

– Se você quer que ela chegue a Amitié viva, terá que guardar segredo!

– Segredo? Mas é maravilhoso! Todos precisam saber, pra ajudar! Uma grande caravana vai do Vilarejo Gris até Amitié, escoltando a princesa!

– Uma caravana de esfarrapados famintos invadindo Amitié? Era só o que me faltava! Por que não desenhamos logo um alvo na carruagem da princesa?

– Você não conhece a força do povo!

– Força suficiente para ficarem sentados por anos, enquanto Datillion tenta resolver o problema!

**A discussão entre Dimitri e a mulher não teria um resultado feliz. Sabendo disso, Nathair se levantou e foi até ela. Tomou-lhe as mãos e falou com tranquilidade:**

– O retorno da princesa não é tão importante. Ninguém precisa ficar sabendo, e ela já tem escolta suficiente.

**Subitamente, a mulher se acalmou. Olhou o pequeno homem corcunda nos olhos, e os dois pareciam estar em perfeita sintonia.**

– Tem razão. Não é tão importante. – Então ajuntou os pratos e talheres utilizados no jantar e levou-os para lavar.

– Acalme-se, Dimitri. Às vezes, tudo o que as pessoas precisam é de uma conversa tranquila. – Nathair encerrou o assunto ali.

**Na hora de se deitarem, Dimitri não teve dúvidas: pediu um quarto onde pudessem dormir os três. Mas Nathair, munido de maior sensibilidade, o convenceu a pedir um quarto só para Flora.**

– Damas precisam de privacidade – disse ele.

**Flora estava prestes a soprar a única vela que iluminava seu quarto, quando ouviu Dimitri bater na porta. Ela abriu e o convidou a entrar, mas ele se contentou em conversar à porta.**

– O que eu queria te dizer, hoje mais cedo, é que será um caminho perigoso. Vivemos em um mundo em guerra, e mal sabemos quem são os reais inimigos. Por isso, mantenha-se sempre perto de mim ou de Nathair, porque nós vamos proteger você.

– Tudo bem, não se preocupe... eu não vou a lugar algum! – Flora respondeu com um sorriso brincalhão.

**Descontente, Dimitri segurou-a pelos braços para que visse sua expressão e compreendesse que falava sério.**

– Eu era muito novo quando me incumbiram da missão de encontrá-la, e ninguém acreditava realmente que eu conseguiria. Na verdade, pensaram que me mandariam para a morte certa. Mas aqui está você! Eu te procurei por tantos anos, Flora! Eu fui até o fim do mundo por você, enfrentei dificuldades que você nem imagina! Mas tudo valeu a pena... eu sabia que te encontraria! Desde o início, eu sabia. E não posso perder você agora.

**Flora foi surpreendida por aquela confissão, e não sabia o que dizer. Como era possível que, por todo aquele tempo, Dimitri estivesse procurando por ela, mas ela sequer soubesse disso? Após alguns instantes de um silêncio mortal, ele pareceu cansar de encará-la, e soltou-lhe os braços.**

– Tranque a porta do quarto durante a noite. E fique com isso – ele lhe ofereceu uma adaga curva, enfiada em uma bainha de couro.

**Flora mordeu o lábio e aceitou o presente.**

– Espero que você não tenha que usar. Mas, se for preciso, não hesite. Não se trata apenas de você, mas de todo um reino.

**Dizendo isso, Dimitri se foi.**

**Sozinha no quarto, Flora guardou a adaga embaixo de seu travesseiro. Quando deu por si, estava parada, sorrindo. Não importava o motivo, era bom ser importante para alguém.**

\* \* \*

## 4. O Sequestro

**Passava de meia noite quando Dimitri arrombou a porta do quarto de Flora. A dona da estalagem acordou, assustada com o barulho, e foi correndo ver o que estava acontecendo. Nathair fora arrancado de seu sono por Dimitri, mas compreendeu o motivo no momento em que vislumbrou a cama de Flora, vazia.**

**Antes que Nathair pudesse impedir, Dimitri agarrou a mulher pela gola da roupa, suspendeu-a no ar e grunhiu com ferocidade:**

– A quem você contou sobre Flora?!

– Não contei a ninguém! – Disse ela, batendo as pernas. – Eu não saí daqui!

**Percebendo a inutilidade daquilo tudo, Dimitri a deixou cair no chão e foi até o quarto buscar suas espadas gêmeas. Ambas possuíam a lâmina curva e uma pedra de rubi na empunhadura, e uniam-se por uma corrente de ferro. Não foi difícil adivinhar por onde Flora fora levada, a janela de seu quarto estava aberta. Dimitri supôs que ela tentara se defender enquanto era arrastada para longe da estalagem, pois um rastro de terra revirada denunciava a rota de fuga. Sozinho, seguiu as evidências até uma pequena casa, não muito diferente de tantas outras que formavam o vilarejo.**

– Me pagaram para matar você, sabia? – Falou um homem embriagado, tão alto que se pôde ouvir lá de fora. – Mas isso seria um desperdício...

**Com um único chute, Dimitri pôs a porta abaixo. Estava furioso, e a cena que viu não melhorou seu humor, nem um pouco. Flora estava jogada no chão com as mãos atadas, amordaçada, suja de lama e descabelada. Durante as tentativas de se libertar, sua roupa tornara-se um trapo e seu rosto estava vermelho. Para completar, um homem maltrapilho e mal-intencionado se projetava sobre ela, segurando-a pelos cabelos.**

– Tire as mãos dela. Imediatamente. Não quero sujá-la com o seu sangue.

**O homem deu uma longa risada e tossiu seu hálito de hidromel. Das sombras ao redor de Dimitri, emergiram quatro comparsas mais jovens, todos sóbrios e armados com facas de caça.**

– Ela é nossa, agora! – Disse um deles, que usava um tapa-olho.

– Você vai se arrepender de vir aqui! – Complementou um segundo, de bandana na cabeça.

**Antes mesmo que os quatro pudessem atacá-lo, Dimitri cravou a espada da mão esquerda no peito do que estava mais próximo. O segundo reagiu com o instinto, projetando-se para a frente com o facão em punho, mas Dimitri se defendeu no momento exato, com a espada da mão direita, e meteu um chute no terceiro. O último estava indeciso entre atacar ou correr, quando o mais velho gritou:**

– Parado! Ou eu *mato ela!* – Mantinha Flora em pé, aprisionada contra seu corpo, e ameaçadoramente pressionava-lhe o pescoço com a adaga que Dimitri oferecera a ela horas antes.

**Os três homens que ainda estavam em pé com seus facões se aproximaram com olhar maldoso enquanto Dimitri deixou cair no chão suas espadas gêmeas. A única lamparina que iluminava a sala estava próxima a Flora, e projetava sombras lúgubres em seu rosto. O homem que a segurava estava se divertindo com o ódio que crescia em Dimitri.**

– O que vamos fazer com você, espadachim? O que vocês acham de sangrá-lo até a morte?

**Os três cúmplices deram gritos de aprovação e cercaram o príncipe de Datillion. O de bandana foi o primeiro a golpeá-lo com sua faca de caça, arrancando-lhe do braço uma espessa linha de sangue. Os outros dois não tardaram a fazer o mesmo, e logo Dimitri estava com vários cortes pelo corpo.**

**A cada nova investida, Flora fechava os olhos com força, e logo seu rosto estava encharcado de lágrimas. Aturdida com a cena, chegou a um ponto em que não**

**aguentava mais. Enquanto toda a atenção dos malfeitores estava voltada para Dimitri, Flora agiu sem pensar. Ainda com as mãos amarradas, agarrou a mão com a qual o homem ébrio segurava sua adaga e, dando um chute para trás, acertou-lhe entre as pernas. Ele guinchou e se contorceu, libertando-a e caindo sobre uma pilha de garrafas cheias de hidromel.**

**Dimitri não perdeu tempo, e agiu antes mesmo que seus torturadores se dessem conta do que estava acontecendo. Em um único movimento, passou o pé por baixo da corrente que unia suas espadas e chutou para cima, jogando-as a uma altura em que pôde pegá-las no ar, as duas ao mesmo tempo. Com um giro, acertou mortalmente dois dos jovens, enquanto Flora pegou a lamparina e quebrou-a na cabeça do mais velho, que desfaleceu.**

**Dimitri se virou a tempo de ver a flama da lamparina em pedaços se espalhar pela parede de madeira da casa. Cortou a garganta do último comparsa e, impassível, caminhou até o homem embriagado e indefeso. Recolheu a adaga, devolvendo-a a Flora, e com um movimento certo de sua espada, feriu o sequestrador no coração.**

**Flora estava imóvel, assistindo à casa arder em chamas, abastecidas pelo hidromel derramado. Ao seu redor, via apenas sangue escorrendo de feridas que jamais se fechariam. Logo o incêndio faria o telhado ruir, soterrando-a e prendendo-a para sempre naquele palco de morte. Estava em choque, e não teria saído dali por conta própria.**

**Sem rodeios, Dimitri a pegou com seus braços fortes e jogou-a por cima do ombro esquerdo, de forma que pudesse carregá-la deixando a outra mão livre. Saiu da pequena casa, que não demorou a desabar. De volta à estalagem, Nathair já havia reunido todos os pertences dos três e acordado o cocheiro.**

**– Não diga a ninguém que estivemos aqui! – Disse Nathair à dona da estalagem, dando um aperto de mãos de despedida.**



– Isso era mesmo necessário? – Perguntou Dimitri enquanto acomodava Flora na carruagem, assim que Nathair se reuniu a eles para a partida. – Não vejo porque perder tempo se despedindo, já que temos pressa.

– É por isso, caro Dimitri, que você é o guerreiro e eu sou o diplomata.

**Assim que os três entraram na carruagem, ela rapidamente foi posta em movimento. Flora se espremeu contra a parede lateral, enquanto Dimitri se pôs pronto a sacar novamente as armas a qualquer minuto, e Nathair espiava a agitação lá fora por uma fresta. Fugiram pela estrada escura, enquanto a vila se alvoroçava às suas costas. Moradores acordavam assustados no meio da madrugada e logo corriam para ajudar a conter o fogo. A desordem geral lhes permitiu passarem despercebidos.**

– Tive que pagar um extra ao cocheiro! – Reclamou Dimitri, quando já estavam a uma distância segura. Então se voltou para Flora. – Você está bem? – Ele fez menção em por a mão no rosto dela. Mas ela se espremeu ainda mais, na direção oposta. – O que foi? Olhe para mim!

**Por algumas vezes, Dimitri tentou fazê-la se virar, para que pudesse verificar se ela havia se ferido. Mas ela se esquivou e se debateu, até que ele desistiu. Ficou apenas observando-a sentada o mais longe possível, escondendo o próprio rosto.**

– Não vê que ela está assustada? – Nathair o repreendeu.

– Tudo bem, o perigo já passou. – Dimitri tentou acalmá-la, mas Flora não abaixou a guarda. Ainda encolhida, e lançando-lhe um olhar receoso, ela proferiu palavras que Dimitri jamais esqueceria:

– Suas mãos... estão manchadas de sangue!

\* \* \*

## 5. Cai a Máscara

O clima ruim na pequena caravana não se abrandou nos dias que se seguiram. Dimitri não conseguia compreender Flora. Se ele não a tivesse salvado no momento certo, coisas terríveis teriam acontecido. Aqueles sequestradores haviam recebido o que mereciam, mesmo assim, ela estava inconformada com as mortes deixadas pelo caminho.

Para Dimitri, o único arrependimento era de não tê-los interrogado antes de matá-los. Assim, poderia descobrir quem os enviara. Uma coisa era certa: ninguém pagaria para que matassem uma jovem donzela sem um bom motivo. Quem quer que fosse o responsável, sabia que se tratava da princesa herdeira de Hynneldor, e se encarregaria de terminar o que começara.

Por sorte, Flora era jovem e bela. Devia sua vida a isso. E também ao fato de aqueles serem amadores, é claro. Um assassino experiente jamais se delongaria com uma vítima apenas para poder se aproveitar dela. Ao invés disso, concluiria logo o trabalho. Dimitri interrompeu sua linha de raciocínio e olhou para as próprias mãos. Flora tinha razão, estavam manchadas de sangue. Para ele, presenciar a morte, ou até provocá-la, era algo natural. Pela primeira vez em muito tempo, sentiu-se envergonhado.

Lá fora, a lua minguante adornava o céu noturno, enquanto Nathair e Flora dormiam profundamente na carruagem em movimento. Flora ainda usava seu vestido em farrapos, e Dimitri prometeu a si próprio que compraria roupas para ela na próxima cidade. Por sinal, seria uma ótima ideia que ela abandonasse o vestido da época em que vivia em Ashteria. Facilitaria a tarefa de ocultar sua identidade.

Assim, quando chegaram à cidade de Rivicour, Dimitri deixou Flora aos cuidados de Nathair enquanto saiu para comprar o vestido, além de mantimentos para o resto da viagem. Já estavam se aproximando do destino final, em apenas um dia chegariam a Amitié. Rivicour era uma cidade à beira do Rio Ruidoso, e Dimitri se aborreceu em retornar à

**carruagem sem ter conseguido um barco que os transportasse rio acima. Mas eles podiam prosseguir com a carruagem, não era problema. Nada poderia diminuir o prazer que Dimitri sentia com o iminente fim de sua jornada de uma vida inteira.**

**Ou, pelo menos, se atreveu a pensar isso por um instante.**

**Carregando nos braços as provisões e o vestido recém-comprado, Dimitri se sobressaltou ao descobrir que, onde deveria estar a carruagem, não havia nada. Irado, atirou ao chão tudo o que trazia consigo, amaldiçoando o momento em que se afastou de Flora mais uma vez. Ainda praguejando, começou a procurar marcas de batalha no chão, mas nada encontrou.**

**\***

– Tem certeza de que quer fazer isso? – Nathair perguntou a Flora, não pela primeira vez. A carruagem movia-se a toda velocidade, seguindo a estrada que margeava o Rio Ruidoso.

– Eu não poderia fazer diferente, depois de tudo o que você me contou! Como pude confiar em Dimitri?!

– Não se preocupe, nós vamos cuidar de você agora.

– Muito obrigada, Nathair! O que seria de mim se não fosse você? Ainda bem que você tem esses amigos que podem nos ajudar! – Flora segurava as mãos dele, que lhe serviam como fonte de coragem.

**Flora ouviu dele muitas histórias terríveis sobre Dimitri. Desde a vez em que massacrara a Vila das Crianças, no longínquo reino de Vulcannus, até o dia em que incendiara um acampamento de pescadores de seu próprio território, a mando da maligna sacerdotisa de Kantheria. Por fim, contou-lhe sobre como ele a venderia a seu irmão, Fausto Valaskes, em troca de uma recompensa que reergueria o nome da família Fahd. E, também, o que faria com ela, caso se provasse que não era, de fato, a princesa perdida.**

– Eu não pertenço a ele, para ser vendida como um objeto!

– Não, mesmo... – Anuiu Nathair, passando a mão na cabeça dela. Com idade para ser seu avô, Flora sentiu como se de fato ele o fosse. Mas um avô jamais planejaria para sua neta o destino infeliz que Nathair tinha em mente. – Chegamos. Espere aqui dentro um pouco.

**A carruagem parou no local combinado, e Nathair pulou para fora, enquanto Flora espiava pela porta. Ali, uma dúzia de soldados aguardava. Homens e mulheres, todos vestiam mantos negros, adornados por um brasão vermelho que se assemelhava muito a um lagarto com asas esqueléticas. Junto ao brasão, cada soldado exibia uma quantidade de estrelas, alguns possuíam uma única, outros possuíam duas, mas um único soldado ostentava três estrelas. E foi este, o capitão, que se adiantou para ter com Nathair.**

– Está tudo arranjado – disse Nathair a Flora, assim que retornou da conversa com o soldado. Ele a escoltou para fora da carruagem e dispensou o cocheiro, enquanto a instruíu: – Vocês vão descer o Rio Ruidoso, e quando chegarem ao mar, trocarão de embarcação. Devem chegar a Amitié em, no máximo, um mês.

**Atracado à margem do rio, um diminuto barco a vela estava à espera. Nele, dois homens humildes faziam os preparativos para zarpar. Nathair guiou Flora em direção ao capitão, que a encarava com olhar intrigado. Mas, após ver a carruagem ir embora, ela estacou no caminho, preocupada:**

- Espere, Nathair! Você não vem conosco?
- Não... Preciso ficar, para impedir que Dimitri vá em seu encalço.
- Você não pode ficar, ele o *matará*!
- Não se preocupe comigo, Flora. Vamos, não temos tempo a perder.

**Quando ele finalmente a colocou frente a frente com o capitão, Flora começou a notar que havia algo de errado. O capitão a examinou dos pés à cabeça, passando por seu vestido rasgado e sua pele suja, e parecia muito desconfiado. A recepção não foi nem um pouco calorosa e, para completar, ele não aparentava ser um real amigo de Nathair Tredbach.**

– Está tentando me enganar, Nathair? – Inquiriu o capitão, sem sequer dirigir a palavra à Flora. – Querendo me empurrar uma mendiga qualquer?

– De jeito nenhum! Eu te asseguro, ela é a princesa.

– Você não vai conseguir fugir de mim.

– Eu não terei *porque* fugir! É ela!

– Está bem. Levem-na para o barco – disse o capitão a seus comandados.

– Parem! – Gritou ela. – Nathair, você disse que vamos descer o Rio Ruidoso? Mas não estávamos, até agora, viajando rio acima? Amitié é para lá! – Dizendo isso, apontou o dedo na direção da qual as águas do rio vinham.

**Um silêncio confuso tomou conta do ambiente, enquanto os soldados se davam conta da farsa criada por Nathair para atrair a princesa àquele lugar. O capitão deu um sorriso de aprovação e fez sinal para que seus comandados a agarrassem antes que ela tentasse correr.**

– Não me culpe – disse Nathair, ao ver o olhar tristonho dela se voltar para ele –, é assim que as coisas funcionam por aqui.

**Flora deu dois passos para trás, calculando quais seriam suas chances de fugir dali correndo. Os soldados eram muitos, e correriam mais rápido que ela, se fosse necessário. Ela não sabia quem eles eram, nem para onde pretendiam levá-la, mas ela não queria descobrir. Por isso, mesmo sabendo que não teria chance alguma de escapar, ela correu.**

**Às suas costas, ouviu gritos e gargalhadas dos soldados. Não pôde ver, mas os dois que estavam mais perto dela fizeram uma breve aposta de quem a alcançaria primeiro. Enquanto corria, Flora sacou a adaga que Dimitri lhe dera, e passou a correr com ela em punho, pronta para lutar por sua vida. Qualquer um que lhe tocasse sentiria o frio de sua pequena lâmina.**

**De repente, Flora ouviu às suas costas o som do correr de um cavalo. A barulheira e agitação aumentaram, e Flora ouviu o som de uma explosão, mas não se atreveu a olhar para trás. Corria alucinadamente pela estrada que subia o Rio Ruidoso, na direção em que acreditava estar Amitié. Quando o cavalo começou a se aproximar**

**ameaçadoramente, ela se preparou para, pela primeira vez em sua vida, ferir uma pessoa.**

**Flora esperava ser pega pelos cabelos, pela roupa, ou até mesmo pela cintura. Mas, para seu espanto, agarraram-lhe o braço, e ela se viu sendo jogada para a garupa do cavalo. Sem pensar duas vezes, cravou a pequena adaga no ombro direito de seu raptor.**

**– AAAAHHHHHH! – Ela ouviu o cavaleiro gritar e um amargo arrependimento veio em seguida, ao perceber que golpearia Dimitri.**

**Rapidamente, ela removeu a adaga, e uma vistoso jorro de sangue escorreu pelas costas do príncipe, junto com um novo urro de dor. Era um corte muito mais profundo do que aqueles feitos pelos sequestradores de Flora, e ela pôde notar uma grande perda de força naquele braço. Mesmo assim, ele não parou de impelir o cavalo para frente, galopando bravamente.**

**– Oh, Dimitri, me perdoe!**

**Ele não respondeu. Apenas continuou em sua missão de escapar daquele local o mais rápido possível. Com uma breve olhada para trás, Flora viu os dois homens que a estiveram perseguindo, caídos no chão, inertes sobre uma poça de sangue. Mais atrás, os soldados restantes estavam confusos e desordenados. O capitão gritava ordens, enquanto os demais se dispersavam em uma perseguição alucinada. Nas mãos de alguns, Flora viu brotar línguas de fogo, que se moldaram em forma esférica e foram arremessadas em sua direção. Em um instante, inúmeras esferas incandescentes começaram a chover ao seu redor.**

**Dimitri desviou sua rota no momento exato em que seriam atingidos pela primeira esfera de fogo. A partir de então, cavalgou de forma inconstante, fazendo curvas imprevistas, com o objetivo de desorientar seus atacantes e evitar que ele, Flora e o cavalo se transformassem em uma gigantesca pira.**

**Cada bola crepitante que errava o alvo acabava por atingir a estrada e a floresta ao redor, e em poucos minutos**

**tudo estava em chamas. O calor era intenso, e o ar começava a ficar pesado, difícil de respirar. Logo Dimitri saiu da estrada, fazendo com que o cavalo se embrenhasse pelo matagal. Ali, os obstáculos tornavam a fuga mais lenta, porém, possibilitava que se escondessem.**

**Eles galoparam por algum tempo, diminuindo a velocidade hora ou outra, para passar nas áreas de mata mais fechada. Após algumas horas, quando o incêndio se tornou distante, Dimitri diminuiu a cavalgada em definitivo, transformando o galope em um passo lento. Dificilmente seriam alcançados, mas não podiam parar.**

– Você está aprendendo a se defender – disse Dimitri, por fim, com o braço direito pendente à lateral do corpo. – Da próxima vez, escolha outro alvo, por favor.

**As palavras de Dimitri feriam Flora como agulhas penetrando em seu coração, e o remorso só crescia. Ela estava se segurando à cintura dele, e assim o abraçou, deitando seu rosto nas costas do príncipe, mas com cuidado para não agravar o ferimento.**

– Não posso ir a Amitié ferido. Primeiro, vamos fazer uma visita a uma velha amiga minha, a curandeira Malve.

\* \* \*

## **6. Malve**

Era uma propriedade rural muito humilde, distante da estrada principal. A casa, pequena e simples, cercada de terra arenosa onde cresciam apenas arbustos e ervas daninhas, possuía nas proximidades um velho poço de pedra. Sem delongas, Dimitri e Flora desmontaram e ele prendeu o cavalo à cerca na entrada da casa.

Com um sobressalto, Flora percebeu que não estavam sozinhos. Mas se tranquilizou em seguida, ao descobrir que, ao seu lado, estava apenas uma menininha, que a observava com atenção. Tinha os cabelos tão alvos,



que Flora quase podia ver as cores do arco-íris refratadas nos fios, como um prisma.

**A criança não devia ter mais de cinco anos, e olhava assustada para Flora, que tentou sorrir para acalmá-la. A menina não se mostrou receptiva. Somente ao se voltar para Dimitri seu rosto se iluminou. Então correu para dentro da casa, e sua voz infantil pôde ser ouvida lá de fora:**

– Mamãe! O tio Dimitri tá dodói!

**Em seguida, uma mulher saiu da casa, limpando as mãos na barra do vestido. Aparentava mais de trinta anos e estava muito preocupada. Vinha seguida de perto por sua filhinha.**

– Oh, por Zyria! É você mesmo, Dimitri! – Muito carinhosamente, segurou o rosto dele com as duas mãos, custando a acreditar na visita repentina. – Desde que você partiu para a Ilha Oscilante, pensei que eu nunca mais voltaria a vê-lo! Está ferido? Entre! Quem é a sua amiga? Venha para dentro, querida – dirigiu as últimas palavras a Flora.

**O interior da casa era constituído de um único aposento, uma mistura de cozinha e quarto. A mulher fez com que ele se sentasse e tirasse a camisa. Assustou-se ao ver o grande número de cortes por todo o corpo dele, e em seguida colocou as mãos na cintura e lhe lançou um olhar zangado, como a mãe que repreende o filho.**

– O que você aprontou dessa vez?

– Eu a encontrei, Malve. Esta é Flora, a princesa perdida de Hynneldor.

**Surpresa, Malve observou Flora atentamente, por um longo instante. Era naquela jovem que estava depositada a esperança de todo o reino. Notando que a curandeira havia parado de examinar seus ferimentos, Dimitri apontou para o mais profundo, no ombro direito, que Flora lhe causara pelas costas:**

– Por favor, cuide desse aqui. Os outros são superficiais.

– Vamos cuidar de todos! – Disse ela, de volta a si.

**Malve e Dimitri conversavam como velhos amigos, e no início Flora se sentiu deixada de lado. Porém, com o passar**

**das horas, ficou mais à vontade. Quando a noite fria começou a cair, todos se acomodaram perto do fogão, onde uma sopa de raízes borbulhava numa panela. A curandeira havia tratado os ferimentos de Dimitri usando uma pasta de ervas mágicas, dedicando especial atenção ao ombro. Cedera-lhe a cama para dormir, enquanto ela, sua filhinha e Flora se acomodariam no chão forrado de palha.**

**Flora sorriu agradecida, enquanto Malve lhe servia uma pequena porção de sopa. Depois de tanta preocupação, era bom descansar, nem que fosse por uma só noite, sentada próxima ao fogo. Com Dimitri, Malve e sua filhinha, Aura, sentados todos ao seu lado, Flora por um momento voltou a sentir a alegria de estar em família. Pensou, então, na saudade que sentia de seus muitos irmãos, deixados para trás, e, com pesar no coração, lembrou-se de sua mãe.**

**As revelações sobre o passado de Flora e sua partida da ilha de Ashteria foram tão repentinas, que ela mal tivera tempo de pensar a respeito. Como podia ter se despedido de sua mãe de forma tão insensível? Na realidade, sequer havia se despedido. Apenas a abandonara, sem uma única palavra de conforto, como só uma filha ingrata faria. E como se arrependia! Nunca sentira tanta saudade!**

**Mas ficar se lamentando não resolveria o problema, Dimitri já tinha lhe dito que o caminho para a ilha só voltaria a se abrir depois de dez anos. Agora, tudo o que Flora podia fazer era manter-se viva. Ela conheceria seu irmão Fausto, o auxiliaria no que pudesse, e se prepararia para retornar a Ashteria.**

**– Você cresceu! – Os devaneios de Flora foram interrompidos pela conversa de Dimitri com a pequena Aura. – Onde está o seu irmão?**

**– Dimitri, isso tudo é culpa sua! – Bradou Malve. – Depois que você salvou Terell daqueles lincos-da-floresta, ele nunca mais foi o mesmo! Às vezes ele some, fica dias sem aparecer! Se ficar igual a você, eu juro que ele vai se arrepender!**

**Dimitri deu risada, e precisou contar a história inteira para Flora, porque ela não tinha entendido coisa alguma. Ele**

**conhecera Terell alguns anos antes. Deparara-se com o menino sozinho e assustado, sendo perseguido por um bando de lincos-da-floresta famintos. Por sorte, tudo acontecera a tempo de resgatá-lo. Daquele dia em diante, Terell passou a idolatrar Dimitri, desejando ser igual a ele, quando crescesse.**

– E agora ele já é quase moço! Em alguns dias, não vou mais conseguir segurar esse menino em casa! – Reclamou a mãe.

– E os lincos? Você os matou? – Flora perguntou, já imaginando que a resposta seria afirmativa. Mas, para seu espanto, Dimitri negou:

– Eu só os espantei com uma tocha e levei o menino embora. Lincos-da-floresta normalmente não caçam seres humanos, não temos porque matá-los. Aqueles deveriam estar com muita fome... o reino inteiro passa fome!

**Flora sentiu uma ponta de remorso por tê-lo julgado mal. Olhando novamente para sua sopa, ela percebeu o quanto era simples. Uma sopa rala, feita de raízes sem gosto. A essa hora, em Ashteria, estaria tomando uma suculenta sopa de tomates com peixe e especiarias perfumadas. Olhando ao redor, ela percebeu o quanto Malve e Aura eram magras, e se sentiu mal em estar ali, fazendo com que repartissem seu alimento.**

**Depois de tudo o que passaram, Flora se convencera de que Dimitri não era uma pessoa ruim. Ele apenas queria cumprir sua missão, não importava o que isso lhe custasse. Enquanto ele se preparava para dormir, Flora se aproximou, mas não sabia ao certo o que queria lhe dizer. Então, disse tudo o que lhe veio à cabeça:**

– Eu duvidei de você. Fugi, deixei você para trás de propósito, e ainda te machuquei! Por favor, me perdoe... eu não fiz por maldade! O Nathair, ele... me contou mentiras horríveis sobre você! Sobre matar crianças, pescadores... eu fiquei com tanto medo! Mas agora eu sei que posso confiar em você. Me perdoe por ter agido tão errado...

**Dimitri apenas esperou calado, enquanto Flora dizia tudo o que sentia vontade. Seu olhar transparecia um misto de paciência e sofrimento, e as palavras dela não pareciam surtir o efeito esperado.**

– Não é preciso inventar mentiras para me difamar, Flora. Eu já percorri caminhos perigosos, fiz coisas que você nem imagina. Estive perdido, seguindo falsas pistas do paradeiro da princesa de Hynneldor. No caminho, conheci todo tipo de gente, e cometi erros irreparáveis. Não posso negar meu passado e não tenho como desfazer o que está feito, mas eu te prometo, Flora, que vou compensar os velhos erros com novos acertos. Mas, primeiro, preciso levar você em segurança para Amitié, que é onde você pertence.

– Muito obrigada, Dimitri. Eu admiro a sua lealdade.

– A lealdade é a essência do homem. Nathair pode ainda não saber, mas a traição faz com que a alma apodreça aos poucos.

\* \* \*

## 7. Amitié

**Logo cedo, Malve retirou as ataduras de Dimitri, e, para espanto de Flora, todos os ferimentos já estavam cicatrizados. Todos, exceto um: o que Flora lhe causara parecia curado por fora, mas ainda estava dolorido por dentro.**

– Esse é muito profundo, vai precisar de mais alguns dias – disse Malve, enquanto examinava.

– Não temos alguns dias – respondeu Dimitri, vestindo sua camisa e recolhendo suas espadas gêmeas. Flora permaneceu calada, com a pequena Aura em seu colo, enquanto os dois discutiam:

– Não está pensando em sair assim, está?

– Já estive pior.

– Você não pode, está debilitado! Como vai lutar, sem o braço direito?

– Eu ainda tenho o esquerdo.

**Com apenas uma mão, ele desencaixou a corrente que unia as duas espadas, guardando-as nas bainhas presas ao cinto. Fez isso porque a corrente o impediria de lutar usando**

**uma única espada. Sem saber ao certo o que faria com a corrente, prendeu-a ao cinto também.**

– Os exércitos inimigos batem à nossa porta e seus espiões espreitam através dos olhares mais amigáveis. Se eu não levar Flora agora, posso perder a chance para sempre.

**Sem argumentos, Malve deu um abraço afetuoso em Dimitri, e, lançando-lhe um olhar de preocupação maternal, desejou-lhe boa viagem:**

– Que Zyria esteja com vocês.

**Pouco depois, Flora e Dimitri estavam novamente na estrada. Seguiam lentamente, porém apreensivos, pela estrada que levava direto a Amitié. Por um curto período, Flora fora tola o suficiente para pensar que poderiam ficar para sempre na tranquilidade do lar de Malve, mas Dimitri lhe inspirava a seguir em frente. Precisavam fazer o que era para ser feito, e descansar só depois que alcançassem o objetivo.**

**Durante a viagem, os dois não encontraram obstáculos, mesmo assim, Dimitri sabia que havia algo errado. A estrada estava abandonada, e os campos próximos à capital mostravam-se silenciosos por demais. Inicialmente, ele não sabia o que estava acontecendo, mas descobriu ao entardecer, assim que avistou a cidade ao longe.**

**Amitié era uma cidade grande e barulhenta, que crescera durante centenas de anos, ao redor do poderoso Castelo do Vento. O castelo, formado por sólidas torres de pedra, remontava a uma era muito antiga, na qual o mundo ainda era jovem e os Homens da Neve caminhavam por entre os humanos. Os anciãos diziam que, mesmo naquela época, a Guerra Sem Fim já havia começado a atormentar a quietude de Hynneldor, e esse foi o motivo que levara à construção da fortificação.**

**Saindo do centro do castelo, uma única torre branca se destacava das demais, acinzentadas, erguendo-se até o céu, e toda a estrutura era circundada por uma robusta muralha de pedra, entremeada de torres de vigia. Ao lado de fora, a**

**grande cidade se estendia para todas as direções, onde milhares de pessoas corriam de lá para cá, aflitas. A cidade, por sua vez, era contornada por uma segunda muralha, ainda mais imponente que a primeira, e as pessoas que ainda estavam para fora do imenso portão corriam, desesperadas, para dentro.**

**Sem perder tempo, Dimitri pôs o cavalo a galope. Quase todos os camponeses já estavam seguros no interior da cidade, quando o gigantesco portão iniciou seu fechamento. Os poucos que ainda estavam para fora abandonaram toda a carga que levavam. Alimentos, equipamentos e até mesmo animais foram deixados para trás na correria, o mais importante para cada um era salvar-se e salvar sua família. Se o portão estava sendo fechado, o motivo era um só, o mesmo motivo que fazia com que todos os sinos tangessem e os tambores soassem: o ataque à cidade era iminente.**

**Flora agarrou-se com força à cintura de Dimitri, ela estava certa de que bateriam de frente com o portão fechado. Mas o príncipe de Datillion tinha domínio da situação e, sem hesitar, passou pela fresta no último minuto. Foram os últimos a adentrar a cidade, dando com uma grande multidão do outro lado. O tumulto era tanto, que mal podiam transitar ali dentro.**

– Fausto ainda deve estar no castelo – informou Dimitri, enquanto ajudava Flora a descer do cavalo.

– Vamos a pé?

– O cavalo não passa por essa multidão, e nós temos pressa! Precisamos encontrar Fausto antes que a batalha comece! Flora, a sua presença muda tudo!

**Trazendo-a pela cintura, Dimitri abriu passagem pelo turbilhão de pessoas. No alto das muralhas, inúmeros soldados se posicionavam, apenas aguardando o desenrolar dos acontecimentos, prontos para lutar. Enquanto isso, o resto da cidade caía na mais absoluta desordem. Enquanto todos se acotovelavam, na correria em busca de locais mais seguros, famílias se separaram, pertences se perderam, e**

**muitas pessoas foram derrubadas e pisoteadas até a morte. Flora ficou apavorada, e também teria se tornado uma vítima do caos, não fosse Dimitri, que a guiava para a área mais elevada da cidade.**

**Com uma velocidade incrível, cruzaram metade do campo de batalha que a própria cidade havia se tornado devido ao medo, e alcançaram a entrada do enorme Castelo do Vento. De pronto, Dimitri foi reconhecido como o príncipe de Datillion, e ele e Flora foram autorizados a adentrar o castelo. Lá, o espaço era mais amplo e vazio, mas nem por isso a atmosfera seria mais leve.**

**– Chegamos a tempo! – Dimitri sussurrou a Flora, quando passaram por uma janela com vista para o portão da cidade. Muito ao longe, os estandartes de Vulcannus já podiam ser avistados, mas ainda levariam algumas horas até que iniciassem o ataque de fato.**

**Os dois foram escoltados por guardas reais até um grande salão, conhecido como Salão dos Quadros. O comprimento superava a largura em mais de cinco vezes, e toda a iluminação advinha de uma fileira de portas, que ocupava toda a extensão da parede direita. Estavam fechadas, mas ostentavam vitrais transparentes que permitiam a passagem de luz e davam vista a uma sacada. Na parede esquerda, uma sequência de quadros retratava os antigos reis e rainhas de Hynneldor, e por todos os lados havia guardas do castelo em posição.**

**Flora mal via a hora de encontrar seu irmão, Fausto, e fazer-lhe todas as perguntas que se formaram em sua mente durante a longa viagem. Pensava que os guardas a levariam até ele, mas foi surpreendida ao entrar no Salão dos Quadros, e ouvir a voz de Nathair às suas costas:**

**– Ora, ora... Vejam quem está aqui! Guardas, prendam-nos!**

**Sem titubear, dois dos guardas prenderam os braços de Flora para trás, imobilizando-a. Dimitri estava sempre alerta e não foi surpreendido. Ao notar a aproximação de um dos guardas, sacou uma espada e feriu-lhe o peito. O guarda caiu para trás, sangrando, mas logo outro avançou e tomou**

**seu lugar. Um terceiro deu com o punho da espada nas costas de Dimitri, justo onde a dor do ferimento que Flora lhe causara ainda o deixava vulnerável. Outros dois seguraram seus braços, arrancando-lhe a espada das mãos, e logo eram tantos, que derrubaram o príncipe de Datillion com a face no chão, e amarraram seus braços para trás, com grossas cordas.**

– Desarmem-no e levem-nos para o calabouço – ordenou Nathair.

– Parem, idiotas! – Dimitri gritou, exaltado. – Ela é a princesa Flora!

– Não insista, Dimitri. O príncipe Fausto já está ciente dessa sua traição.

– MENTIROSO! IMPOSTOR!

**Dimitri continuava gritando, enquanto uma dúzia de guardas lhe tomaram a segunda espada e o arrastaram pela porta por onde havia entrado, virando à direita em um longo corredor e empurrando-o escada abaixo. Flora assistiu a tudo perplexa, enquanto ele foi levado de seu campo de visão. Nathair não disfarçava um sorriso zombeteiro e Flora já estava amarrada, seria a próxima a ser levada.**

– Nathair! Pare, por favor! – Implorou Flora. – Você sabe que é verdade!

**Nathair se aproximou dela, e o prazer que sentia com aquela situação era quase tangível. Com um falso olhar preocupado, acariciou o rosto de Flora e arrancou o medalhão que pendia do pescoço dela, enquanto falava com suavidade:**

– Pobre criança, foi a primeira a ser enganada... Talvez seja poupada, caso consiga convencer o príncipe Fausto de que você também é uma vítima de Dimitri Fahd. Mas isso não vai acontecer... – E ele sussurrou as últimas palavras em seu ouvido: – porque essa cidade não verá mais um nascer do sol.

**Ele fez sinal para que os guardas a levassem, quando a porta do outro lado do Salão dos Quadros se abriu com estrondo, e por ela entrou um grande grupo de homens armados, vindos de uma importante reunião. O grupo incluía o mestre de guerra do reino, o capitão da guarda real, o**



**responsável pelos estábulos, o conselheiro do príncipe, e o próprio príncipe Fausto Valaskes. Nathair tentou apressar os guardas a levarem Flora dali, mas não foi suficientemente rápido. O príncipe notou o alvoroço e logo foi desvendar o que estava acontecendo.**

– Nathair, estamos em guerra! Precisamos de ordem! Que confusão toda é essa?

**O príncipe não se parecia muito com Flora. Era alto e sério, deveria ter quase trinta anos de idade, barba e cabelos da cor do carvalho, diferente das madeixas dela, negras como a noite. Trajava uma elegante armadura prateada, com detalhes entalhados no peito. Também haviam opalas incrustadas em alguns pontos, que cintilavam e mudavam suavemente de cor, dependendo da posição em que se olhasse.**

– Nada demais, Vossa Alteza. – Respondeu Nathair, posicionando-se entre o príncipe e os guardas que levavam Flora. – Apenas mais uma impostora que alega ser a princesa.

– Deixe-me vê-la – ordenou Fausto.

– Tem certeza? É apenas perda de tempo, a batalha está para começar...

– Guardas, tragam-na aqui.

**O coração de Flora deu um salto quando foi colocada frente a frente com Fausto Valaskes. Ela pôde ver de perto a maior semelhança entre os dois: os olhos azuis. Queria gritar e comemorar que enfim havia alcançado seu propósito naquela terra inóspita, e que tudo ficaria bem. Queria rir da tentativa frustrada de Nathair em impedir sua chegada, e mandar que libertassem Dimitri imediatamente.**

**Mas os olhos azuis de Fausto a fitavam com tanta indiferença, que ela sentiu um calafrio repentino e todo o seu entusiasmo evaporou. Os homens que acompanhavam o príncipe cochicharam entre si enquanto ele caminhou em volta dela, analisando-a dos pés à cabeça. Por fim, encarou-a nos olhos, suspirou brevemente e dirigiu-lhe a palavra:**

– Onde está o medalhão?

– O medalhão? – repetiu Flora. Ela olhou para o próprio colo, e percebeu que seu medalhão, que sempre levava consigo, não estava mais pendurado em seu pescoço.

– Sim. De ouro, com o brasão da família Valaskes entalhado. Você sabe, o medalhão que estava com a princesa no dia em que foi raptada pelos patifes de Vulcannus. Cada uma das impostoras que vieram antes de você trouxe uma falsificação diferente... onde está o seu?

– Nathair tomou de mim! – Denunciou, instintivamente procurando-o no salão lotado.

– Ousa me acusar? Que conveniente... – riu Nathair. – Guardas, levem-na!

– Esperem – disse Fausto, quando os guardas fizeram menção de cumprir as ordens do diplomata. – Menina, mostre-me sua magia.

– M-m-magia? – Flora gaguejou, surpreendida pela ordem do príncipe. – Eu não faço magia...

**Suprimindo a decepção, Fausto fez sinal para que os guardas a levassem de uma vez por todas.**

– Espere! Eu sou a Flora! Sou a princesa! Fausto, espere!

– Não, você não é. A verdadeira princesa *transborda* magia – respondeu ele. – E você não deve me dirigir a palavra. Impostora!

\* \* \*

## 8. Perigo na Masmorra

**Flora tentou se debater e escapar, mas já estava com as mãos amarradas, e sua força não se comparava à dos guardas. Assim, enquanto gritava, foi arrastada pelos corredores do castelo e escada abaixo, até as masmorras subterrâneas. Lá, o ambiente era escuro e o ar, fétido e pesado. Flora teve uma terrível sensação de claustrofobia, que se intensificava à medida que adentravam o calabouço mais profundamente.**

**Estacaram de repente, e um guarda destrancou e abriu a grossa porta de madeira de uma das celas. Lá de dentro, alguém tentou escapar, mas foi logo repelido por um dos guardas, que lhe acertou um chute no peito. Em seguida, atiraram Flora para dentro e fecharam a porta às suas costas. Ela ainda se levantou e gritou pela grade da porta, mas ninguém respondeu. Foram todos embora, deixando-a ali, presa no escuro.**

– Flora! Pensei que fossem aprisioná-la longe de mim! – Flora teve um sobressalto ao perceber que dividia a cela com Dimitri Fahd.

– Oh, Dimitri! – Ela se adiantou para perto dele. Dimitri estava sentado no chão imundo, e Flora se ajoelhou a seu lado e pousou a cabeça no peito dele. Teriam se abraçado, não estivessem ambos com as mãos atadas nas costas. – Eu não tenho magia, Dimitri! Talvez eu não seja a princesa, afinal...

– Não diga tolices. Olhe para mim. Você é a herdeira de Hynneldor, eu poderia reconhecê-la de olhos vendados!

**Flora olhou para Dimitri, e tudo o que viu na escuridão foi a sugestão do contorno de seu rosto. Mas ela sabia que ele estava olhando diretamente para seus olhos, e que a reconhecia como princesa até nas condições precárias em que se encontravam.**

– Eu sou um príncipe de Datillion, o reino regido pela estrela de Thermirn. Mas eu não posso usar minha magia. Não. Thermirn é o Deus da Vida e da Morte. Ele define o equilíbrio entre todas as coisas, e há muito tempo minha balança pende para um único lado... Flora, você é igual a mim. A sua magia só vai brotar quando você estiver em sintonia com Zyria.

– Mas a cidade vai cair *essa noite!*

– Eu sei. Não se preocupe, eu conheço as passagens secretas desse castelo, vou tirar você daqui. Vamos fugir disso tudo, vamos a Datillion! Lá, posso protegê-la.

**Ela se afastou dele, incrédula.**

– Fugir? Você não entende? A cidade será *destruída!* Precisamos fazer alguma coisa!

– Você ainda tem a adaga que te dei?

**Flora ficou boquiaberta ao perceber que ainda a trazia presa à perna, sob o vestido que Malve lhe emprestara. Enquanto ela se ocupava de lutar contra o vestido para alcançar a adaga, uma estranha agitação vinda do corredor da masmorra chamou a atenção de Dimitri. Ele se levantou e encostou o rosto nas grades de uma pequena abertura da porta, na tentativa de descobrir o que se passava lá fora.**

**Os ruídos logo se transformaram em gritos, e Dimitri sabia que, seja lá o que estivesse acontecendo, não era bom. Flora finalmente conseguiu sacar a adaga e começou a cortar a grossa corda que o prendia, e os dois puderam ouvir o som de muitos passos apressados, que se aproximavam.**

**– Corte mais rápido! – Disse ele.**

**– Estou tentando... – Flora respondeu. Por mais que colocasse toda a sua força na tarefa, as fibras da corda eram rompidas lentamente.**

**Então vieram os sons das espadas. Metal se chocando contra metal e também contra as rochas das paredes, numa batalha em espaço apertado. Os muitos passos se aproximavam deixando para trás um único som abafado: o grito aterrador da morte.**

**Os autores de tamanho alvoroço estavam quase no campo de visão de Dimitri, quando Flora finalmente terminou de cortar a corda. Ele tomou a adaga da mão dela e, com um único movimento, libertou-a também de suas amarras.**

**– Abaixese – disse ele, empurrando-a para o canto mais afastado da porta.**

**Flora tampou a respiração quando o barulho chegou aonde eles estavam, acompanhado de um grande clarão vermelho, que iluminou a cela inteira. Homens fortemente armados passaram pelo corredor, trazendo consigo o cheiro de sangue e incontáveis esferas flutuantes de fogo. Eles corriam bravamente, em direção aos salões do castelo, enfrentando e vencendo todos os carcereiros da masmorra e todos os guardas reais que encontrassem pelo caminho.**

– Eu sempre disse a Fausto que a rota de fuga pela masmorra um dia poderia se tornar um front de batalha. Ele devia ter me ouvido... – Dimitri balançou a cabeça, decepcionado. – Ao menos, sabemos que ele não retirou sua esposa e filhos por aqui.

– O que vamos fazer, Dimitri?

– Vamos ter que encontrar outra saída.

– Mas e as pessoas do castelo? Precisamos fazer alguma coisa!

**Centenas de soldados inimigos já haviam subido as escadas e o corredor estava vazio novamente. Agora o barulho vinha dos andares de cima do castelo, e a ele se somavam os gritos de mulheres e choros de crianças.**

– Flora, seu irmão condenou essa cidade ao confiar nas pessoas erradas. Não há nada que possamos fazer. Temos que viver hoje para lutar amanhã.

**O coração de Flora se espremeu e ela sentiu lágrimas de frustração escorrerem pelo rosto. Dimitri não queria ajudar, e o que ela poderia fazer sozinha, contra um exército inteiro? Ela permaneceu espremida a um canto da cela enquanto Dimitri passou o braço pelas grades e enfiou a adaga pela fechadura, na tentativa de arrombá-la. Mas, antes de ter êxito, ele recuou para dentro, empunhando a adaga em posição de combate.**

**Pelo som, inicialmente Flora imaginou que seria um grande animal selvagem. Um lobo, talvez. Vinha farejando pelo corredor, fazendo estardalhaço enquanto corria. Estava subindo, no mesmo sentido em que os demais soldados inimigos. Mas este era diferente, não trazia consigo esferas de fogo, e nem mesmo tochas comuns. Vinha no escuro, guiando-se apenas pelo olfato.**

**Quando se aproximou da porta da cela de Flora e Dimitri, a criatura estacou. Pela sombra que se formou na luz precária e difusa, Flora pôde ver que, na realidade, se tratava de um homem. Mas não era um homem comum. Sua postura era arqueada e a respiração, rápida e ruidosa. Diferente dos outros, que gritavam enquanto prosseguiam, de sua boca irrompia apenas um rosnado grave e**

**animalesco. Não pretendia enfrentar o exército defensor, apenas ansiava por aniquilar uma presa. Era um homem com instinto selvagem, e sua voz pareceu um rugido quando farejou mais uma vez e falou:**

**– Matar Valaskes!**

**Flora sentiu um calafrio ao ouvir essas palavras e arriscou uma espiadela. Ele era muito mais alto do que Dimitri, e exibia músculos salientes. Suas feições eram indecifráveis, sob a barba mal-feita e as cicatrizes de batalha, marcadas em seu rosto. Suas roupas estavam em farrapos, mas ele não parecia se importar com isso.**

**BAM! Com um golpe, fez a porta estremecer.**

**– Flora, isso é um Furioso. A consciência dele é restrita a cumprir a ordem que recebeu. Aparentemente, o alvo deveria ser o seu irmão... – Dimitri soltou um riso de desgosto. – Fique atrás de mim. Eu vou atrasá-lo, e você corre.**

**Como sempre, Dimitri demonstrava sua valentia. Mas o que ele poderia fazer contra o gigante, usando apenas uma pequena adaga?**

**BAM! Antes, a grossa madeira da porta parecia intransponível. Agora, golpeada violentamente pelo guerreiro do exército inimigo, parecia que viria abaixo a qualquer momento.**

**– Você lembra como foi trazida pra cá? Volte pelo mesmo caminho. Nos encontraremos no Salão dos Quadros.**

**Flora estava paralisada. Ela olhava de Dimitri para o Furioso e se perguntava se seria capaz de correr dali. Seu coração estava aos saltos, e todo o seu corpo tremia.**

**BAM! A porta finalmente cedeu, abrindo uma fenda bem no meio. O Furioso enfiou a manzorra pelo buraco, agarrou a madeira da borda e puxou-a para fora, a fim de abrir uma entrada maior. Ele chutou novamente a porta, arrancou mais alguns pedaços de madeira, quebrou, rasgou. E quanto mais a porta era destruída, melhor o Furioso podia ser visto. Escorria sangue de vários cortes em todo o seu corpo, mas**

**ele não parecia sentir dor. Estava sempre em uma postura encurvada, como um animal pronto para dar o bote.**

**Mas Dimitri atacou primeiro. Assim que o Furioso se abaixou e meteu a cabeça pela porta, o príncipe de Datillion se adiantou rapidamente e, com um golpe certo, enfiou a adaga no olho dele. Apanhado de surpresa, o Furioso deu um passo para trás e levou a mão ao rosto.**

**– Agora! CORRA! – Dimitri gritou.**

**Subitamente, Flora deixou sua posição, esgueirou-se pelo espaço aberto entre a porta destruída e o Furioso, e fugiu pelo extenso corredor. Correu o mais rápido que pôde, e em seu caminho encontrou corpos, ainda em chamas, dos carcereiros do castelo.**

**Olhou para trás, vacilante, a tempo de ver o Furioso arrancar a adaga do olho e a jogar para longe. Imediatamente, Dimitri acometeu sobre ele, golpeando-o com as mãos nuas, mas o Furioso mal sentiu seus ataques, agarrou-o pela roupa e atirou-o para longe. Dimitri deu com as costas na pedra dura da parede, e escorregou até o chão. Rolou para o lado a tempo de escapar da arremetida do Furioso e reaver a adaga.**

**Interpondo-se entre Flora e o Furioso, Dimitri falou mais uma vez, com autoridade:**

**– Vá embora logo, Flora! Você só vai me atrapalhar.**

**Com pesar, Flora deu as costas e correu. Ainda lembrava o caminho até o Salão dos Quadros, e rumou naquela direção. Dimitri foi deixado sozinho na masmorra destruída e repleta de corpos carbonizados, armado apenas com uma pequena adaga e com uma grande coragem. Ele encarou o Furioso com serenidade e desafiou:**

**– Vamos ver quanto tempo você leva pra me matar.**

**\* \* \***

## 9. Batalha no Salão dos Quadros

**Flora atravessou inúmeros corredores escuros da masmorra, até que, ao fim de um lance de escada, a luz da lua minguante a cegou momentaneamente. Estava fora do calabouço, em um salão iluminado do castelo. Ali, tudo o que encontrou foi morte e destruição. Por onde quer que passasse, via corpos inertes, tanto dos guardas do castelo quanto do exército inimigo, o rico mobiliário do castelo transformado em várias grandes fogueiras, e o assoalho coberto de cinzas.**

**Ao tentar retornar por onde viera, ela viu seu caminho barrado por uma intensa batalha que se desenrolava entre os atacantes que haviam invadido pela masmorra e os poucos defensores que tentavam se reorganizar após o ataque surpresa. Impedida de prosseguir, esgueirou-se pelos salões adjacentes por um longo tempo, até que finalmente alcançou uma entrada para o grande Salão dos Quadros.**

**Estava pronta para adentrá-lo, quando ouviu vozes. Então recuou, se espremeu no corredor lateral onde estava e se esforçou para ouvir e tentar descobrir quem estava lá dentro, mas ela não conhecia a maioria das vozes que ali se projetavam.**

– Alteza, é inútil! Precisamos nos render, ou estaremos condenados! Brodderick Carnell já nos derrotou, a Sala do Trono está repleta de seus soldados. O próximo passo será riscar Amitié do mapa!

– Mas aonde nossa rendição nos levará? De um jeito ou de outro, ele nos matará a todos!

– O que ele realmente deseja é resistência! O único propósito dessa guerra é satisfazer seus caprichos de glória em campo de batalha, e não podemos mais lhe dar esse prazer!

– Calados, todos. – Flora reconheceu a voz de Fausto Valaskes. – Minha esposa já foi levada?



– Sim, Vossa Alteza. Ela conseguiu escapar com seus filhos. Estão se dirigindo à Fortaleza do Gelo, nas Grandes Montanhas.

**De onde estava, Flora conseguia ver o vitrais das portas que levavam a uma grande sacada e davam vista à guerra que se desenrolava. As defesas foram ineficazes e a cidade ardia, em inúmeros focos de incêndio que iluminavam a noite. Os poucos guerreiros remanescentes de Hynneldor caíam, um a um, enquanto os simples moradores da cidade eram presos a correntes de ferro e levados, em fila, para servirem como escravos.**

– Senhores, este castelo resguarda o último Santuário do Céu. – Fausto voltou a falar. – Por mais que eu saiba que nossa resistência será ínfima, nós precisamos nos arriscar. Brodderick Carnell jamais poupará o santuário, e toda a esperança de Hynneldor depende disso. E é por isso que eu repito: esse santuário só será profanado após a minha morte. Vocês estão comigo?

**Flora ouviu inúmeras espadas serem desembainhadas e várias vozes, em uníssono, bradarem um grito de aprovação. No mesmo instante, duas portas duplas, uma em cada extremidade do salão, foram escancaradas ao mesmo tempo. Por uma delas, entrou um batalhão de soldados de Hynneldor. Pela outra, irrompeu um grande número de soldados de Vulcannus.**

**Homens armados preencheram o salão, e logo começaram a se digladiar. Mas um homem, em especial, chamou mais a atenção de Flora. Brodderick Carnell era alto, forte, usava uma armadura negra imponente e bradava ordens e palavras de incentivo a seus comandados. Mas nada disso realmente importava. O que atraía o olhar de Flora era a cor de sua pele, escarlate, como Flora nunca vira antes.**

**Por um momento, ela lembrou de sua vida na Ilha de Ashteria. Os sollaris com quem convivera possuíam orelhas pontudas e pele esverdeada. Que saudade! Se Flora queria voltar a ver sua família algum dia, sabia que o primeiro passo seria sobreviver àquela guerra. Mas o homem de pele**

**vermelha era forte, com certeza não era humano e parecia não ter medo da morte.**

**Um enorme barulho às suas costas arrancou Flora de seus devaneios. Ela olhou para trás a tempo de ver parte do teto ceder, quando o Furioso derrubou uma das vigas de sustentação ao tentar passar por um corredor mais estreito do que ele. Como um animal, passou a correr com as mãos no chão, na direção de Flora, deixando para trás um rastro de destruição.**

**Sem pensar, Flora invadiu o Salão dos Quadros, permeando os inúmeros guerreiros que se combatiam mutuamente. Ninguém deu atenção à menina que cruzava o salão em disparada, esquivando-se da batalha e buscando, desesperadamente, um lugar para se abrigar. Mas, quando o Furioso surgiu, todos pareceram prender a respiração ao vê-lo. Ele parou abruptamente na entrada do salão, escancarou a bocarra e soltou um longo e grave rugido:**

**– Matar Valaskes! – E se arremessou em direção a Flora.**

**– PARE! – Gritou Brodderick Carnell, e o Furioso obedeceu prontamente, parando a poucos centímetros dela.**

**Brodderick analisou a situação calmamente, estranhando o fato de o Furioso não estar visando o príncipe Fausto. Ele observou todos os presentes e deu um sorriso de escárnio. Flora e Fausto trocaram um olhar significativo, e um alarme soou na cabeça do príncipe quando seu inimigo declarou, triunfante:**

**– Dois Valaskes de uma só vez? Não poderia ser melhor...**

**– PROTEJAM A PRINCESA! – Fausto gritou, desesperado.**

**Tudo aconteceu ao mesmo tempo. Os guardas vieram em socorro, liderados por um valente soldado com espada e escudo. O Furioso atacou com ambas as mãos, atingindo o escudo e partindo-o ao meio, enquanto Flora correu, escondendo-se atrás do grupo de soldados que se deslocavam para protegê-la. Aproveitando a distração, Brodderick Carnell fechou os punhos em torno da bainha de uma espada que não existia, e de suas mãos irrompeu o**

**fogo mágico que se transformou em uma espada sólida e afiada. Então atravessou o salão em um segundo e investiu contra Fausto.**

**Quando a espada de fogo de Brodderick se chocou contra a espada de metal do príncipe de Hynneldor, um grande estouro se fez, espalhando fagulhas por todo o salão. Os olhos de Fausto lacrimejaram de dor e muitos dos quadros pendurados na parede lateral arderam em chamas. Fausto foi forçado a recuar sob os ataques constantes e poderosos de seu adversário, e, à distância, avistou os guardas que tentavam proteger sua irmã, mas que caíam às dezenas.**

**Flora voltou a correr, percebendo a inferioridade das forças de Hynneldor. Em poucos minutos, sua defesa fora resumida a um amontoado de figuras agonizantes, e o Furioso continuava avançando, suado, ensanguentado, enquanto derrubava quem quer que estivesse em seu caminho.**

**- Matar Valaskes.**

**Quando não sabia mais para onde fugir, Flora abriu uma das portas e saiu para a sacada. Apoiada no parapeito, sentiu o vento frio da noite e viu que a queda até o chão daria uma longa distância. O Furioso se aproximou lentamente, até que a encobriu com sua enorme sombra, e levantou uma das mãos, para dar-lhe o golpe derradeiro. Ofegante, Flora fechou os olhos com força e esperou pelo seu destino, mas nada lhe aconteceu. Quando voltou a abri-los, Dimitri estava dependurado às costas do monstro, com todos os dentes à mostra, enquanto o estrangulava com a corrente que uma vez fora utilizada para unir suas duas espadas gêmeas.**

**O Furioso se debateu e correu, na tentativa de se livrar do sufocamento, mas o príncipe de Datillion era ágil e determinado. Então, avançou de costas para a parede, para colidir com ela. Dimitri soltou um urro, e por pouco não afrouxou a corrente. O rosto do Furioso estava quase tão**

**vermelho quanto o de Brodderick Carnell, e suas forças começaram a se esvaír.**

**Dimitri fechou a corrente, fincando a adaga nos elos das extremidades, e, antes que o monstro desfalecesse, empurrou-o sacada abaixo. Ele caiu por muitos metros, até atingir o portão de estacas de bronze do pátio do castelo, e seu coração foi trespassado por uma das estacas.**

**Já muito debilitado, Dimitri sangrava e tinha ossos quebrados. Apoiava-se em Flora quando, juntos, retornaram ao Salão dos Quadros, apenas para encontrar Fausto já derrotado. Dois soldados inimigos seguravam o príncipe de Hynneldor pelos braços, e o jogaram no chão com violência. Ao tentar se levantar, Brodderick Carnell lhe meteu um chute nas costas, que o fez cair novamente e cuspir sangue. Fausto, já sem forças para lutar, apoiou-se no chão e, lentamente, ergueu-se. Apenas para tomar outro chute.**

**Ao seu redor, dezenas de guerreiros haviam sucumbido, e outros tantos, caídos, apenas aguardavam o encontro com a morte. Apesar de tudo, Fausto estava decidido a morrer em pé, desafiando o inimigo até o fim. Brodderick gargalhava, sentindo prazer com a situação.**

**– Ora, ora... princesa, ainda está aqui? – Caçou Brodderick. – Devo informar que de nada serviu toda a sua luta. Você só sobreviveu para assistir à morte de seu irmão. Você, leve-o para fora! – Ordenou a um de seus comandados.**

**Em instantes, todas as portas foram abertas, e Fausto foi arrastado para a grande sacada. Flora sentia-se impotente diante da situação: seu irmão, forte e audaz, era agora arrastado como se fosse um boneco nas mãos de seus algozes. O que haveria ela de fazer? Com Dimitri debilitado e Nathair tendo-a traído, estava completamente sozinha. Não sabia lutar e não conhecia seus inimigos. Assistir à humilhação do príncipe era uma tortura, e ela desejava, de todo coração, poder afugentar toda aquela tropa e fazer com que a guerra desaparecesse.**

**Lá embaixo, alguns poucos soldados do reino ainda lutavam, enquanto os moradores tentavam fugir da cidade, para não serem levados a Vulcannus como escravos. Eram todos iluminados pelo brilho quente de grande parte das casas, que eram consumidas pelo fogo.**

– Vejam todos! Este será o fim da linhagem real de Hynneldor! – Brodderick projetou sua voz, no intuito de alcançar todos aqueles que ainda estavam em Amitié. Desejava que todos testemunhassem a execução. – Primeiro matarei o príncipe regente, que foi responsável pela decadência deste reino. Em seguida, será a vez da princesa Flora, a princesa perdida, que retornou apenas para presenciar o fim de Hynneldor.

**Os soldados de Vulcannus que estavam na sacada forçaram Fausto a se ajoelhar e a curvar seu pescoço. Brodderick Carnel se deleitava com as circunstâncias, e arrancava risadas de escárnio de seus comandados, a cada novo chute que desferia no príncipe derrotado. Não se preocupou em oferecer-lhe uma morte honrada, pelo contrário. Para Brodderick, a derrota era desprezível, digna de degradação.**

**A cidade inteira parou para assistir, e o som de batalha deu lugar a uma confusa gritaria. As palavras de Brodderick ecoaram por toda Amitié, sendo modificadas à medida que se distanciavam. E o que era “ele vai matar o príncipe e a princesa Flora, que retornou” se tornou apenas “a princesa Flora retornou”.**

**Após apreciar a ingloria do príncipe durante um bom tempo, Brodderick empunhou mais uma vez sua espada mágica. Era chegado o momento de dar o golpe final. Inconscientemente, Flora deu um passo para frente. Dimitri tentou impedi-la, mas ela se desvencilhou dele e pôs-se a caminhar em direção a seu inimigo.**

– Pare! – Disse ela.

**Todos imediatamente se viraram para ela, inclusive Fausto. O príncipe não demonstrava medo da morte, mas trazia estampado em seu olhar a decepção em saber que Flora continuava ali, e que seria a próxima a experimentar a**

**lâmina flamejante de Brodderick. Ela, por sua vez, recusava-se a acreditar que todo o esforço que empregara em sua jornada fora em vão. Deixara para trás todas as pessoas que amava e enfrentara diversos perigos, não estava disposta a permitir que tudo terminasse daquela maneira, justo quando finalmente estava frente a frente com seu único irmão de sangue. Em sua cabeça, ouvia repetidas vezes a voz de seu irmão de criação, Latham, que lhe dizia "Siga seu coração, e ele lhe proverá a força necessária."**

**Brodderick contemplou os irmãos Valaskes e se resumiu a dar uma sonora gargalhada.**

– Princesa, eu bem poderia poupá-los, para que me concedessem um pouco mais dos prazeres da batalha, mas já estou farto de prolongar a guerra contra um inimigo tão insignificante. É chegado o momento de encerrar este assunto. – Ele caminhou lentamente até Fausto, exibindo um sorriso maligno no rosto. Com um rápido movimento, Brodderick levantou a espada de fogo para o alto, em direção ao céu estrelado, e, com toda a sua força, abaixou-a rapidamente, visando o pescoço do príncipe.

\* \* \*

## **10. O Golpe Derradeiro**

– NÃO! – Flora gritou, enquanto a espada de Brodderick Carnell descia, em alta velocidade, em direção ao pescoço de Fausto Valaskes.

**Mas seu grito foi abafado por uma voz juvenil:**

– PELA PRINCESA!

**Antes mesmo que a espada atingisse seu objetivo, Brodderick Carnell interrompeu o golpe e se virou violentamente, lançando uma cotovelada para trás. Só então Flora percebeu o recém-chegado. Era um garoto, não devia ter mais que quinze anos. Chegou sorrateiramente enquanto toda a atenção estava voltada para o príncipe Fausto, e, no momento exato, perfurou as costas de Brodderick com seu**

**pequeno punhal. Mas aquilo não seria suficiente para aniquilar o general inimigo, e agora o rapaz jazia inconsciente, depois de tomar uma cotovelada de Brodderick, que o arremessou a metros de distância, batendo a cabeça na parede de pedra do castelo.**

**– O que significa isso?! – Brodderick ficou boquiaberto perante a valentia do pequeno e insignificante aldeão.**

**De seus comandados, o mais velho se aproximou a fim de dar cabo à vida do garoto, mas, no momento em que o faria, uma foice voou em sua direção e ele precisou se esquivar. Em pé sobre o parapeito da sacada, um fazendeiro brandia seu forcado. Não possuía treinamento militar, mas braços fortes para escalar a hera que recobria a parede abaixo da sacada, e coragem para enfrentar a morte, se preciso, na defesa daquilo em que acreditava.**

**– PELA PRINCESA QUE DÁ A VITÓRIA A HYNNELDOR! – Gritou ele, e jogou-se sobre o soldado mais velho.**

**O homem logo foi morto, mas outros surgiram do mesmo lugar. Eram lavradores, comerciantes, oleiros, que, ao descobrir o retorno da princesa, perderam o medo, desistiram da fuga e retornaram para enfrentar os inimigos. Homens recolheram as espadas abandonadas em campo de batalha, mulheres e crianças se armaram de paus e pedras. Uniram-se, todos, e serviram de reforços aos soldados remanescentes.**

**Isso deu a Flora a oportunidade de se aproximar de Fausto e fazê-lo levantar-se. Ao seu lado, um grupo de pescadores afastava dela os inimigos que tentavam se aproximar. Mas não era uma tarefa fácil, e muitos morreram carbonizados pelo fogo mágico criado pelos soldados de Vulcannus.**

**Irritado, Brodderick arrancou de suas costas o punhal ensanguentado e, em suas mãos, criou uma flama tão poderosa que derreteu a arma em instantes. Enquanto a batalha entre soldados e homens do povo se desenrolava ao seu redor, caminhou sem pressa até o menino que tanto o**

**incomodara. Ele agora estava retomando a consciência, mas, se dependesse de Brodderick, não seria por muito tempo.**

**Enquanto ele pensava em uma morte dolorosa para o garoto, Dimitri surgiu em sua frente. Metade de seu rosto estava banhado em sangue, andava com dificuldade e fraquejava ao segurar uma única espada na mão esquerda, em posição de defesa.**

– Terell, você vive me dando trabalho... – Disse ele ao garoto, em um tom melancólico. – Fuja daqui e volte para casa, ou Malve vai me matar!

– Quando me contou que você veio pra cá, a minha mãe sabia muito bem que eu te seguiria. – retrucou ele.

**Abaixo da sacada, toda a cidade voltou a se agitar. A descoberta do retorno da princesa desaparecida trouxe a Amitié um novo sopro de esperança, e os habitantes abraçaram com todas as forças sua única chance de criar para si um novo futuro. Bastava uma pequena brisa morna, e todos os corações se encheram de coragem e fé.**

**Soldados caídos se levantaram, e aqueles que já haviam se rendido ao destino encontraram um novo motivo para acreditar na possibilidade de vitória. Os que ainda estavam livres voltaram a lutar com todas as forças, e aqueles que já haviam sido capturados se rebelaram contra as correntes, ampliando barulho que tomou conta da cidade. E o exército de Vulcannus pela primeira vez estremeceu frente a um inimigo que, aparentemente derrotado, voltava a se reerguer.**

**Brodderick não podia estar mais desgostoso. Ele sentia prazer em lutar uma batalha desafiadora, é verdade, mas naquele dia já contava com uma vitória fácil. Sem cerimônia, Brandiu sobre Dimitri um golpe rápido de sua espada de fogo. O príncipe de Datillion protegeu-se como pôde, usando sua espada de metal, já muito suja e desgastada da batalha. Mas seu braço, enfraquecido, não suportou o esforço, e sua espada vibrou com violência e foi lançada para longe.**

– Terell, corra. – Ele disse, ofegante, com os olhos fixos em Brodderick.



**A poucos metros de distância, Flora pôde ver a expressão desafiadora do príncipe de Datillion. Mesmo derrotado, ele se opunha a Brodderick como uma sólida muralha, permitindo, assim, que o menino fugisse na confusão da batalha ao redor. Ela sabia que o próximo golpe de Brodderick poria fim à vida de Dimitri.**

**E sabia, também, que seu coração não permitiria isso.**

**Então Flora correu em direção a ele. Se alguém perguntasse, ela jamais saberia responder o porque de fazer isso. Tudo o que sabia é que era o certo, que ela não poderia assistir à morte de seu protetor e permanecer de braços cruzados. E no momento em que a espada de Brodderick Carnel cortou o ar mais uma vez, ela estava lá, e se jogou na frente de Dimitri, de braços abertos, pronta a receber o golpe em seu lugar.**

**O grito de Dimitri ficou entalado na garganta, mas seus olhos se arregalaram em incredulidade. Existem momentos que parecem durar uma eternidade, e foi isso que sentiu. Em uma fração de segundo, pôde ver cada uma das pequenas fagulhas que formavam a espada crepitante, e que se aproximavam perigosamente de Flora. Viu a pele alva da princesa, que se avermelhou com a proximidade do fogo, e sentiu o calor escaldante.**

**Seu coração se apertou quando pensou em perdê-la, depois de tanto sofrimento, tanto suor e tanto sangue derramado na tentativa de encontrá-la, e ao pensar em como nunca mais poderia tê-la na garupa de seu cavalo, ou sentada a seu lado em uma carruagem. Ela era tão jovem, e possuía tantas dúvidas tolas... Mas ele já havia se habituado a ela, e a impossibilidade de salvá-la mais uma vez fez com que uma lágrima lentamente escapasse de seus olhos.**

**Porém, de tudo o que viu naquele momento, há algo que jamais esqueceria. Os fios de cabelo de Flora, tão negros que nem a luz avermelhada da espada de Brodderick poderia tirar-lhes a cor, gradativamente começaram a se agitar, impelidos por uma súbita rajada de vento. As mechas**

**foram jogadas de um lado para outro, e de repente Dimitri se viu dentro de um ciclone.**

**E quando a espada finalmente atingiu a pele de Flora, em vez de feri-la, se dissipou. Brodderick, pronto para suportar um impacto que não veio, perdeu momentaneamente o equilíbrio e cambaleou para o lado. Sua espada de fogo foi totalmente varrida de suas mãos pela violenta ventania que se lançou sobre ele, e no mesmo instante ele soube que aquele não era um vento comum. Flora fechou os olhos e, de braços abertos, deixou-se envolver pelo vento que a descabelava, acariciando sua pele e preenchendo o vazio em seu espírito.**

– Você conseguiu, está novamente com Zyria! – Dimitri vacilava entre a incredulidade e o encantamento.

– Sim – respondeu Flora, abrindo os olhos. – Zyria, a deusa de todas as formas de amor. Onde mais poderia encontrá-la, se não dentro de mim mesma?

**Flora levantou as mãos e, a seu comando, o vento arredio e sem rumo logo se ordenou. Formou uma poderosa esfera de vento que englobava a si e a Dimitri. Os perigos de fora não mais poderiam ameaçá-los.**

Por mais que tentasse, Brodderick não conseguia recriar a espada flamejante. O poder mágico naquele lugar era forte demais e não deixava brecha para forças rivais. No chão, foices, serras, machados e forcados se misturavam aos cadáveres e dificultavam a busca por uma espada. E, antes que pudesse se recuperar do susto e encontrar uma arma adequada, Brodderick sentiu seu peito se partir, quando seu coração foi atravessado por uma foice. Uma reles foice, mas que era empunhada por Fausto Valaskes.

– É o seu fim. – Disse Fausto, quando torceu a foice dentro de Brodderick e a puxou ferozmente, banhando-se com o sangue do inimigo derrotado.

**Lentamente, Brodderick caiu no chão. Ao mesmo tempo, Flora dissipou sua barreira protetora, espalhando o vento mágico para todos os lados. Por toda Amitié, o exército de Vulcannus foi subjugado pelos habitantes de**

**Hynneldor, que vibravam e celebravam, bradando o nome da princesa revelada, enquanto os raios do sol nascente anunciavam o início de um novo dia.**

**\* \* \***

## **Epílogo**

**A notícia ecoou pelos campos e reinos distantes. Despertou os pássaros, espantou os peixes, desnorteou os insetos e provocou os deuses. Cada grão de areia estremeceu, cada brisa oscilou, cada chama vacilou e dizem que até a água das cachoeiras longínquas mudou seu curso.**

**Naquele dia, a Dádiva da Deusa brilhou novamente em Hynneldor. Teve início, então, uma época de reconstrução e prosperidade. A terra tornou-se fértil novamente, trazendo boas colheitas, e o reino mudou, voltando a ser verde e florido. As pessoas se lembraram de quem realmente eram, e passaram a valorizar as coisas mais importantes na vida, como a amizade, a saúde, a lealdade e, principalmente, o amor. Por causa da fertilidade no reino e da renovação interior compartilhada por todos, após sua coroação, Flora ficou conhecida como A Rainha da Primavera.**

**Não se sabe o que ela fez depois disso, pois os registros se perderam com o passar dos séculos. Alguns dizem que retornou à Ilha de Ashteria, outros, que passou o resto de seus dias ao lado de Dimitri Fahd. Há ainda quem defenda que seu medalhão foi recuperado e Nathair pagou por tudo o que fez, mas isso não pode ser comprovado, já que o medalhão também se perdeu.**

**A única certeza que se tem é de que a felicidade reinou naquele dia, e por muitas primaveras depois.**

**# # #**

## Sobre a autora



**Karen Soarele sempre foi apaixonada por livros, filmes e jogos on-line. O que todas essas coisas têm em comum? Nelas, nada é impossível. No decorrer de alguns anos, criou seu próprio mundo, Myríade, uma terra cheia de perigos e magia, onde seus heróis e heroínas vivem aventuras incríveis!**

**Karen é graduada em Publicidade e Propaganda e pós-graduada em Linguagens e Produção Textual. Ela acredita no poder que a leitura tem de enriquecer a cultura, o senso crítico e a vida das pessoas e que, com determinação, nada é impossível.**

**Acesse:**

**[www.KarenSoarele.com.br](http://www.KarenSoarele.com.br)**

**[www.CronicasDeMyriade.com.br](http://www.CronicasDeMyriade.com.br)**

**[www.facebook.com/CronicasDeMyriade](http://www.facebook.com/CronicasDeMyriade)**

**[www.twitter.com/karensoarele](http://www.twitter.com/karensoarele)**